



Save the Children

# IMPACTOS DA COVID-19 NAS CRIANÇAS AFRICANAS

## COMO PROTEGER UMA GERAÇÃO EM RISCO

DOCUMENTO DE POLÍTICA PAN-AFRICANA  
JUNHO 2020



# AGRADECIMENTOS

Este relatório é dedicado a todas as crianças de África, que têm sido um grupo “invisível” no planeamento e resposta à crise da COVID-19, apesar de ser uma das populações mais vulneráveis e afectadas. Este relatório foi produzido para ampliar as vozes e realidades específicas das crianças durante esta crise, na esperança de que melhore a qualidade das suas vidas durante estes tempos sem precedentes. Estamos inspirados por todos os poderosos e corajosos embaixadores de crianças e jovens de todo o continente, que estão a levantar as suas preocupações aos decisores e partilhando informações sobre a COVID-19 com outras crianças. Esperamos que este relatório suscite um alarme aos decisores em toda a África para que façam o que puderem para garantir que nós #protejamos uma geração de crianças.

Este relatório foi escrito por Eric Hazard, com contribuições significativas de Vishna Shah, Kijala Shako, Samuel Wandera e Doris Mpourmou, bem como uma vasta gama de contribuições de pessoas de todo o continente.

Vários colegas da Save the Children têm feito comentários e contribuições úteis para enriquecer o relatório. Eles incluem Alice Oyuko-Awuor, Alassane Nouroudine, Amanda Azzali, Anderson, Chad, Anta Fall, Anthony Njoroge, Arunga Yvonne, Aurelien Barriquault, Benoit Delsarte, Emmanuel Dori, Geoffrey Oyat, Hannah Newth, Juliet Kyoshabire Kotonya, Kimani Kennedy, Lay Thomas, Luke Harman, Matthieu Moraly, Odette D. Ntambara, Paul Lopodo, Serge Dalexis, Solomon Mulat, Teresa Amorim, Ulrika Cilliers, e Waringa Nganga.

Estamos gratos aos colegas que identificaram e desenvolveram alguns estudos de caso para este relatório. Estamos particularmente gratos ao pessoal de comunicação dos nossos escritórios em África e a Daphnee Cook, Elizabeth Muiruri, Florence Cisse e Saman Saidi.

Estamos também gratos a uma vasta gama de profissionais de advocacia, programas técnicos e operacionais, bem como aos directores dos países da Save the Children International nos países da África Ocidental, Central, Oriental e Austral que dedicaram o seu tempo para fazer comentários valiosos ao relatório e estão a trabalhar incansavelmente à medida que respondemos à resposta da COVID-19. Estamos em dívida com o apoio financeiro do Director da Unidade de Programas Regionais, Waringa Nganga, pela colaboração e cooperação em todo o processo. Estamos também gratos a todos os nossos doadores financeiros que nos apoiaram na adaptação dos nossos programas para responder às suas necessidades urgentes de crianças em toda a África durante esta crise da COVID-19. Agradecemos a todos eles pela sua ajuda. Quaisquer erros ou mal-entendidos são da exclusiva responsabilidade do autor principal.

## Publicado por;

Save the Children,  
Escritório Regional da África Oriental e Austral,  
Escritório Regional da África Oriental e Austral,  
2º Andar ABC Place,  
À maneira Waiyaki, Westlands,  
P.O. Box 19423-202, Nairobi, Quénia  
[www.savethechildren.net](http://www.savethechildren.net)

E

Escritório Regional da Save the Children na África Ocidental e Central  
Immeuble Save the Children Lote No.02 - Zona 15,  
Almadies, Extensão Rota de Ngor, Dakar, Senegal

Fotos: © Save the Children

© Save the Children International 2020

\*Os nomes das crianças foram mudados para proteger as identidades.

Desenho: Prime Kasuku

Esta publicação contém direitos autorais, mas pode ser reproduzida por qualquer método, sem honorários ou permissão prévia, para fins de ensino, mas não para revenda. Para cópia em quaisquer outras circunstâncias, a permissão prévia por escrito deve ser obtida da editora, e uma taxa pode ser paga

# ÍNDICE

<b>Prefácio .....</b>	<b>4</b>
<b>Impactos da COVID-19 nas Crianças Africanas .....</b>	<b>5</b>
Como #proteger uma Geração	5
Sumário Executivo	5
Introdução	6
<b>1 Impactos da COVID-19 nas Crianças Africanas .....</b>	<b>7</b>
1.1. Sistemas de Saúde Presos entre a Resposta à COVID-19 e os Serviços Básicos	7
1.2. Encerramento das Escolas: A Necessidade de Proteger sem Sacrificar uma Geração!	10
<b>2 Os Riscos para as Crianças Mais Vulneráveis .....</b>	<b>14</b>
2.1. Protecção Limitada e Aumento do Risco de Violência Baseada em Género devido à COVID-19	14
2.2. A COVID-19 está exacerbando a existente insegurança alimentar e a desnutrição	16
2.3. Impacto nos Refugiados, Deslocados Internos e Crianças Migrantes	18
<b>3 Outros Impactos Colaterais .....</b>	<b>21</b>
3.1. O Risco Macroeconómico	21
3.2. O Risco de Cair Numa Armadilha de Pobreza	22
<b>Conclusão .....</b>	<b>24</b>
<b>Principais Recomendações .....</b>	<b>25</b>
Sistemas de Saúde	25
Educação	25
Assegurar a Protecção da Criança	26
Segurança Alimentar e Desnutrição	26
Populações Internas Deslocadas, Refugiados e Crianças em Movimento	26
Restringir o Movimento, sem Prejudicar os Direitos	27
Impactos Macroeconómicos	27
<b>Notas de Fim .....</b>	<b>28</b>
<b>COVID-19 Através dos Nossos Olhos .....</b>	<b>29</b>
<b>As Vozes das Crianças no Meio da COVID-19 .....</b>	<b>30</b>



A close-up portrait of a young woman, Diaminatou Kanounté, wearing a patterned headscarf and headphones. She is looking slightly to the side with a thoughtful expression. The background is dark and out of focus.

# PREFÁCIO

Diaminatou Kanounté é uma cidadã do Mali de 16 anos de idade. Como estudante do ensino secundário, é a Presidente do Parlamento Infantil do Distrito de Bamako (capital do Mali). Ela é uma jovem defensora da protecção e dos direitos da criança. Ela venceu o concurso de Poema organizado em Fevereiro de 2020 em Bamako.

“Já passaram 2 meses que as escolas estão vazias. Que as carteiras comecem a enrugar.  
Um grande atraso está a chegar.  
Um olhar desesperado no seu rosto  
Os desejos são mais baixos  
A aprendizagem pára  
Estou preocupada com o meu futuro, mas a preguiça dominou tudo.  
A coragem diminui no prato, o vazio tem me atrasado.  
O meu bloco de notas e a minha caneta estão a fugir...  
Eu me vejo me afogando neste poço.  
Minha educação está em perigo.  
Meu futuro está em perigo  
Sou um estudante em apuros. Poucas noções me restam para mim.  
O tédio brinca no meu cérebro.  
E para expressar isso, tenho apenas estas poucas palavras  
A esperança dos meus queridos irmãos e irmãs deve ser a nossa inspiração.  
A Corona vírus desaparecerá e não devemos perder a coragem.  
Pois o futuro deste país está nos nossos braços...  
Em breve veremos escolas a abrir  
Entretanto, faça os cursos à distância  
Vamos continuar a ler  
Antes que o Coronavírus passe  
Vamos rever as nossas aulas e fazer as nossas tarefas  
Para melhor nos adaptarmos à abertura das aulas”

Por **Diaminatou Kanounté**



# IMPACTOS DA COVID-19 NAS CRIANÇAS AFRICANAS

## COMO #PROTEGER UMA GERAÇÃO

### SUMÁRIO EXECUTIVO

A pandemia da COVID-19 não tem precedentes com a propagação do vírus em quase todos os países do mundo. Em África, 54 dos 55 países notificaram pelo menos uma infecção com a COVID-19. Felizmente para África, os casos confirmados de COVID-19 continuam comparativamente baixos, com 158.000 casos a 3 de Junho; o que é em parte atribuível a uma acção precoce e decisiva tomada por muitos governos Africanos, bem como por uma população jovem. Contudo, a pandemia da COVID-19 atingiu África não só como uma crise sanitária, mas também como uma crise socioeconómica devastadora que poderá persistir nos próximos meses e anos. Este documento de orientação sublinha que, embora as crianças não representem um grupo de alto risco de mortalidade directa por COVID-19, a pandemia tem um impacto secundário de grande alcance que aumenta os riscos para os direitos e o bem-estar das crianças Africanas.

- **A rápida disseminação da COVID-19 está a sobrecarregar os sistemas de saúde no continente Africano com poucos recursos** e a perturbar os serviços rotineiros de saúde que provavelmente aumentarão a incidência de doenças e as mortes causadas por doenças evitáveis e tratáveis, especialmente as crianças. Por exemplo, na sequência de algumas projecções, as mortes por paludismo podem atingir [769.000](#) em África - níveis que se verificaram pela última vez há 20 anos - devido à interrupção das campanhas das redes mosquiteiras tratadas com insecticida e ao acesso a medicamentos antimalárico.
- **A pandemia da COVID-19 está a pôr em risco a aprendizagem formal, a saúde e a segurança/protecção das crianças africanas, em especial as raparigas.** Estima-se que mais de [262,5 milhões](#) de crianças do ensino pré-escolar e secundário estão actualmente fora da escola devido ao encerramento por causa da COVID-19, o que se traduz em cerca de 21,5% da população total em África. Para muitas crianças pobres e vulneráveis em África, as escolas não são apenas um local de aprendizagem, mas também um espaço seguro contra a violência e a exploração. É também onde têm uma refeição nutritiva (por vezes a única refeição do dia).
- **A pandemia da COVID-19 está a desenrolar-se em África, num contexto de níveis preocupantes de fome, impulsionados**

por choques climáticos, conflitos e desafios económicos. As consequências da pandemia da COVID-19 estão a aumentar a longa lista de factores de insegurança alimentar em África. Muitas projecções mostram que a população em situação de insegurança alimentar poderá duplicar nos próximos meses, o que, evidentemente, tem um impacto nutricional grave para as crianças.

- **A pandemia da COVID-19 está a exacerbar as vulnerabilidades existentes.** Esta pandemia tem também um impacto catastrófico para os mais vulneráveis que não têm acesso ao sistema de protecção social, incluindo as crianças mais vulneráveis. As crianças da rua, os deslocados internos e os refugiados não estão apenas expostos a riscos sanitários mais elevados, enfrentam também maiores limitações ao acesso à saúde e a um sistema educativo alternativo. As crianças representam 59% dos refugiados e requerentes de asilo em África e 50% dos seus deslocados internos, que são fortemente afectados por impedirem muitos em todo o continente de procurar asilo e segurança, em violação do princípio jurídico internacional de não-repulsão<sup>1</sup>.
- **A pandemia da COVID-19 ameaça inverter os progressos do desenvolvimento em África.** As réplicas económicas da COVID-19 farão descarrilar o progresso para a redução da pobreza e aumentarão mais [59 milhões](#) de pessoas para a faixa de pobreza extrema em África; incluindo 33 milhões de crianças. As [Nações Unidas estimam](#) que a redução/perda do rendimento familiar devido à COVID-19 e a subsequente redução das despesas essenciais com a saúde e a alimentação poderão apagar os últimos 2 a 3 anos de progresso na redução da mortalidade infantil.

Por muito inédita que seja a crise, também demonstrou a resiliência e a capacidade de África para explorar os seus recursos próprios, que apresentam oportunidades únicas para a criação de um futuro melhor para África. Muitos governos Africanos assumiram uma liderança rápida e decisiva na gestão da pandemia da COVID-19, tendo a comunidade internacional de ajuda desempenhando um papel de apoio. Este facto poderia determinar o ritmo para uma maior apropriação por parte do governo e para a afirmação do controlo das emergências

e das crises humanitárias dentro das suas fronteiras. Alguns governos Africanos aceleraram a adaptação da tecnologia e das plataformas multimédia para a aprendizagem. Futuramente, esta plataforma constitui um meio para alargar a participação a segmentos da população tradicionalmente excluídos da aprendizagem, como as crianças em zonas de difícil acesso e as crianças que vivem com deficiências.

Os governos Africanos enfrentam agora uma escolha da Cornualha, entre o imperativo de evitar a propagação da pandemia e a urgência de responder às necessidades dos mais vulneráveis através da revitalização da economia. Com uma das populações mais jovens do mundo, a África continua muito exposta a muitos dos impactos colaterais da COVID 19. Nas próximas semanas, terão de continuar a gerir uma crise múltipla. Mas terão também de assegurar o alinhamento desta liderança com os compromissos internacionais e continentais em matéria de direitos e bem-estar das crianças e, em especial, com a [Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança](#), que irá celebrar o seu 30º aniversário em 2020. Os governos com o apoio da União Africana terão de:

- **Preservar os direitos das crianças**, durante a pandemia da COVID-19, garantindo o acesso a serviços de saúde, educação e protecção de qualidade e outros direitos, tal como estabelecido na CNUDC e na ACRWC;
- Garantir que cada plano de resposta seja orientado pelo “**interesse superior da criança**” e pelos princípios “**não prejudicar**”, em conformidade com a [Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar da Criança](#)
- Reconhecer e integrar nos seus planos de resposta as **necessidades específicas das pessoas mais vulneráveis, incluindo as raparigas**, como elemento central das respostas continentais e nacionais;
- Responder às necessidades a longo prazo das crianças através do desenvolvimento e da implementação de **mecanismos e políticas de protecção social** para proteger as crianças e as famílias de quaisquer choques futuros.
- Assegurar que as crianças tenham oportunidades reais e seguras de fazer ouvir a sua voz e de influenciar a tomada de decisões no âmbito de COVID-19.



## INTRODUÇÃO

Quando pensamos no impacto da COVID-19, as crianças não são visivelmente vistas como as mais afetadas pela pandemia. De facto, dados empíricos mostram que o impacto directo da COVID-19 na saúde das crianças é significativamente menor em comparação com os adultos; sendo responsável por aproximadamente **10%** de todas as infecções<sup>2</sup>. As evidências anedóticas mostram que, até agora, as crianças que contraem o vírus parecem ter sintomas menos graves e taxas de mortalidade mais baixas. Contudo, isto não conta a história completa, uma vez que os impactos secundários e devastadores a longo prazo que estamos a ver nos direitos, bem-estar e segurança das crianças terão um impacto desproporcionalmente maior nas crianças de famílias pobres e vulneráveis durante toda a sua vida.

No dia 30 de Março, a maioria dos países Africanos havia reportado pelo menos 1 caso confirmado. Desde 3 de Junho, o número de casos confirmados aumentou de algumas centenas para mais de 158.000. Até agora, a COVID-19 não teve o

mesmo tipo de impacto devastador na África que teve em outros continentes, como Europa, Américas e Ásia em outros lugares. No entanto, o número de casos está a aumentar com especialistas avisando que poderia sobrecarregar os serviços de saúde e desencadear uma pandemia que poderia causar **milhões de mortes**. O [Índice de Segurança Sanitária Global](#), a uma avaliação da prontidão global de saúde para responder a pandemias de saúde, classifica a maioria dos países subsaarianos entre os menos preparados. Por exemplo, a República Centro-Africana tem apenas **três ventiladores** para uma população de 5 milhões de pessoas, enquanto a Somália tem apenas **15 camas na Unidade de Cuidados Intensivos (UTI)** para os seus 16 milhões de cidadãos.

A Comissão da União Africana já reportou que “as *consequências, mesmo que difíceis de calcular, deverão ser enormes tendo em conta a rápida disseminação da Covid-19 e as medidas drásticas tomadas por países de qualquer dimensão a nível mundial*”<sup>3</sup>. A África continua a ser diversa, mas para muitos, as restrições à circulação e ao encerramento de fronteiras introduzidas como parte do plano de resposta dos governos têm e continuarão a ter um sério impacto na economia local e na pobreza das famílias, colocando as crianças em situações vulneráveis. Não devemos subestimar o impacto que a COVID-19 já teve nas comunidades - incluindo o número de pessoas em empregos informais, que ganham um salário diário ou trabalham por conta própria, o que representa uma grande maioria da população - E, portanto, crianças que já estão a enfrentar várias vulnerabilidades que provavelmente serão agravadas com esta pandemia.

Ao longo desta pandemia, muitos países Africanos estão a passar por múltiplas crises humanitárias que deixaram milhões de crianças e suas famílias extremamente vulneráveis e as tornaram dependentes da ajuda externa. O ACNUR estima que a África Subsaariana abriga pelo menos **24 milhões** de pessoas deslocadas à força (18 milhões de refugiados e 6 milhões de deslocados internos [PDI]) - Dos quais **59%** são crianças. Além disso, 107 milhões de pessoas na África Subsaariana enfrentam uma grave insegurança alimentar - 50 milhões na África Ocidental e Central (WCA) e **57 milhões** na África Oriental e Austral (ES) - e projectos do [PMA](#) que o número poderia duplicar até ao final de 2020 em consequência da COVID-19. As perturbações da sociedade que a pandemia da COVID-19 traz consigo são susceptíveis de agravar as crises humanitárias existentes e potencialmente criar novas crises, tal como discutido neste resumo da política.

Há ainda muitas incertezas sobre como a pandemia irá evoluir em África e do cronograma de desenvolvimento de terapias e vacinas eficazes que irão conter a pandemia COVID-19. Contudo, o que é certo é que, para além dos impactos directos na saúde, a pandemia é um risco para o bem-estar e segurança de rapazes e raparigas que se pode transformar numa crise mais grave dos direitos das crianças, na ausência de uma intervenção adequada e atempada. Na África Subsaariana, esta crise já está a perturbar a educação de 262,5 milhões de crianças e irá interromper o seu acesso a cuidados de saúde vitais, serviços de protecção, mas também o bem-estar, incluindo a perturbação social, bem como a sua interacção com outras crianças e membros da família ou adultos, prestadores de cuidados.

Como organização de direitos da criança, adaptamos as nossas estratégias e abordagens para proteger as crianças mais vulneráveis e assegurar que os seus direitos sejam protegidos. Mas isto requer um esforço coordenado, liderado pelos governos Africanos. Este documento descreve algumas das principais ameaças que a pandemia da COVID-19 representa para as crianças na África e sugere algumas das respostas políticas e programáticas para proteger os direitos das crianças.



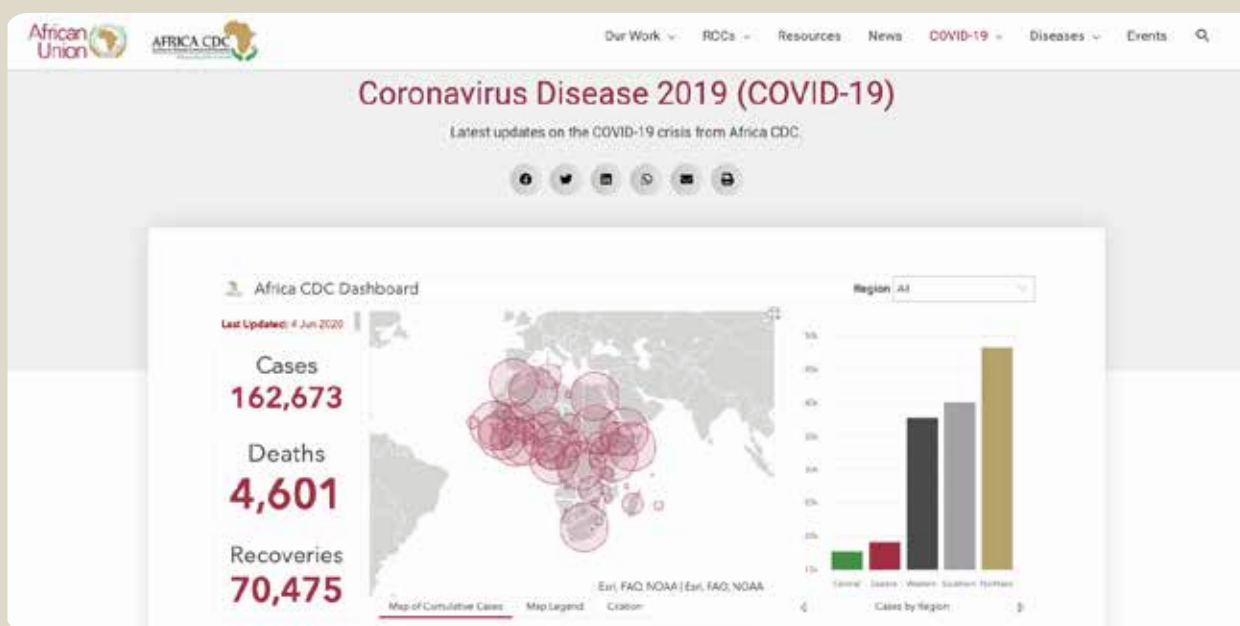
# IMPACTOS DA COVID-19 NAS CRIANÇAS AFRICANAS

Como acontece com qualquer surto de doença infecciosa, as crianças enfrentam riscos multidimensionais, incluindo a exposição à infecção, riscos indirectos de acesso à educação e aos serviços de saúde como prioridades políticas governamentais e o financiamento fica centrado na minimização da contaminação, bem como riscos directos para os seus cuidados e protecção globais. Embora as tendências actuais

indiquem que as crianças não estão entre os grupos mais vulneráveis ao impacto directo da COVID-19, as implicações que a propagação da COVID-19, tais como o impacto das restrições aos movimentos e dos bloqueios aos meios de subsistência e ao bem-estar, estão a ter nas raparigas e nos rapazes em contextos de desenvolvimento e humanitários continuam a ser uma das principais áreas de preocupação e ainda estão a ser examinadas.

## 1.1. SISTEMAS DE SAÚDE PRESOS ENTRE A RESPOSTA CONTRA A COVID-19 E OS SERVIÇOS BÁSICOS

### Primeiro conter a propagação da COVID-19



Na sua estratégia continental conjunta para a COVID-19, a União Africana (UA) reconhece que “Uma vez que ainda não existe uma vacina para prevenir infecções nem medicamentos para as curar, é provável que a COVID-19 se propague rapidamente nas comunidades e unidades de cuidados de saúde e cause doenças graves e morte”. Embora a taxa de mortalidade continue baixa, uma elevada percentagem da população Africana poderá ser infectada no próximo ano, o que resultará num grande número de mortes, especialmente de pessoas com idade avançada e/ou doenças subjacentes” 4. Considerando este contexto, “Em África, a estratégia principal da COVID-19 será limitar a transmissão e minimizar os danos.” 5



Dado que a transmissão em todo o continente é inevitável, a acção precoce e decisiva para reforçar os sistemas de saúde, de modo a que as pessoas possam ser testadas, isoladas, tratadas e os seus contactos rastreados é fundamental para atrasar e diminuir o pico do surto e gerir melhor o surto de doentes. Muitos países<sup>6</sup> já iniciaram esta abordagem de prevenção. Até à data, em comparação com as regiões da Europa e das Américas, a taxa de mortalidade, tal como o número de casos graves, continua a ser inferior<sup>7</sup> e muitos países não viram o seu sistema de saúde entrar em colapso. A única e principal advertência: as capacidades de ensaio nos países precisam certamente de ser reforçadas para se ter uma melhor, para não dizer real, compreensão da situação actual. O [Índice de Segurança Sanitária Global](#), uma avaliação do grau de prontidão sanitária global para responder a pandemias de saúde, classifica a maioria dos países subsarianos entre os menos preparados<sup>8</sup>.

## O risco relacionado com causas não relacionadas com a COVID-19

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), a [África sofre mais de 22% do peso global da doença](#), mas tem acesso a apenas 3% dos profissionais de saúde e a menos de 1% dos recursos financeiros mundiais. As últimas avaliações do grau de prontidão efectuadas por [34 países Africanos, coligadas pela OMS](#), revelaram a falta de equipamento de protecção individual (EPI), poucos centros de tratamento e uma ausência de instalações de cuidados críticos.

Se os sistemas de saúde estão a se adaptar e a resistir por agora, a COVID-19 está a exercer uma enorme pressão, aumentando rapidamente a procura de sistemas de saúde já frágeis e sobrecarregados em toda a África. Embora a resposta seja crítica, os sistemas nacionais de saúde têm também de continuar a garantir o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade que são cruciais para a sobrevivência das crianças.



### Farhia, 38, Parteira do Hospital Gardo, Somália.

Farhia Muse Ali trabalha como parteira no Hospital Geral de Gardo em Puntland, na Somália, há mais de 10 anos. Agora, juntamente com o parto, Farhia está também a ensinar as novas mães sobre a COVID-19 e como se proteger a si e aos seus filhos da infecção. Farhia fala com as mães sobre a importância de manter uma boa higiene, lavar as mãos e explica os sintomas do vírus. Farhia diz: “Os nossos sistemas de saúde são muito frágeis. Não temos Equipamento de Protecção Individual (EPI) suficiente, mas continuamos a fazer o nosso melhor. Muitos de nós arriscamos a nossa saúde para salvar os outros. Actualmente, estamos a concentrar-nos em medidas de prevenção e de sensibilização para o vírus. “Na capital, Mogadíscio, os casos aumentam diariamente, e é apenas uma questão de dias até os termos em distritos como Gardo e outras partes de Puntland. Estou preocupada como qualquer outra pessoa no mundo. Tenho familiares que estão preocupados com a minha segurança porque não sabem o que vai acontecer, mas encorajam-me a trabalhar normalmente e a ajudar as pessoas.”

## “No Uganda, a taxa de notificação no sistema de gestão e informação da saúde (HMIS) baixou entre 50-80%.”

FONTE: MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO DE SAÚDE, UGANDA, MAIO DE 2020

Em muitos países, as vacinações de rotina, os cuidados pré-natais e outros serviços de saúde sexual e reprodutiva e os serviços destinados a impedir que as crianças morram de doenças evitáveis como a malária, a diarreia ou a pneumonia foram perturbados ou não priorizados devido à falta de recursos humanos, de material médico ou de medidas de afastamento social necessárias para gerir o surto da COVID-19. Já se registaram alguns relatórios que revelam que algumas unidades sanitárias, nos países como o [Quênia](#), a [Etiópia](#)<sup>9</sup>, ou o Uganda, tinham encerrado ou suspenso temporariamente a prestação de serviços de saúde essenciais e estavam a recusar doentes que procuravam serviços de saúde não abrangidos pela COVID-19. Em alguns países, como o Uganda, a falta ou a redução dos transportes públicos e a proibição de andar de motocicleta para várias pessoas está também a limitar o acesso aos cuidados de saúde e à medicina preventiva. A aplicação das orientações relativas à não circulação e ao recolher obrigatório tem um impacto sério nas mulheres grávidas e raparigas no acesso a serviços de saúde essenciais, além de tornar o acesso caro e arriscado devido à falta de meios de transporte seguros durante as horas de recolher obrigatório. Isto é feito à custa da saúde das crianças e pode conduzir a potenciais surtos oportunistas de (outras) doenças evitáveis por vacinação, como a cólera e o sarampo. Por exemplo, uma [análise da OMS](#) mostra que as perturbações da COVID-19 nos cuidados de saúde primários e preventivos poderão resultar em [769 000 mortes relacionadas com a malária](#) em 2020; o dobro das mortes notificadas em 2018.



Além disso, os cuidados de saúde na maioria dos países Africanos não são gratuitos no ponto de utilização. Por conseguinte, o peso dos pagamentos no bolso que é mais elevado entre os pobres pode resultar num aumento da mortalidade de crianças e jovens devido a causas não relacionadas com a COVID-19. Por último, é também mais provável que as mulheres sejam trabalhadores da linha da frente da saúde a nível mundial, 70% dos trabalhadores do sector da saúde são mulheres ou pessoal dos serviços de saúde, por exemplo, trabalhadores comunitários de saúde, de pessoal de limpeza, lavandarias, etc.<sup>10</sup> Isto torna-as mais susceptíveis de serem expostas ao vírus e de lidar com o enorme stress que equilibra as funções de trabalho remunerado e não remunerado.

### Mensagens de salvamento partilhadas no Sudão num esforço para travar a propagação da COVID-19

A Save the Children enviou uma frota de veículos equipados com altifalantes e placas de sinalização a Norte de Darfur e Kordofan no Sudão, partilhando mensagens com comunidades de difícil acesso sobre lavagem das mãos, distanciamento social e outras formas de impedir a propagação da COVID-19.

A Save the Children também fez uma parceria com uma empresa local de telecomunicações, para enviar cartões SMS com mensagens de sensibilização sobre COVID-19 por todo o Sudão, que chegaram a mais de 10 milhões de pessoas. A equipa de mensagens móveis faz parte de uma série de actividades em curso no Sudão para evitar a propagação da COVID-19, uma vez que os casos continuam a aumentar em todo o continente.



### Abordagem inovadora para tratar a malária nas escolas Na Zâmbia:

No distrito de Lufwanyama, com o apoio do Ministério da Saúde, a Save the Children pilotou um protocolo inovador de teste e tratamento da malária nas escolas, com o objectivo de responder às taxas mais elevadas de prevalência da malária no país, num distrito rural onde as clínicas são muito remotas. Dado que a frequência nos centros de saúde rurais irá provavelmente diminuir devido ao receio do Covid 19, esta abordagem será retomada e esperamos expandir-se após a reabertura das escolas em breve.

## Aprender com a crise anterior

Durante o surto do vírus de Ebola na África Ocidental de 2014-16, o medo de contrair a doença também resultou num menor número de mulheres a frequentar as clínicas de saúde. Na Serra Leoa, os profissionais de saúde morreram ou foram desviados para actividades relacionadas com a Ebola.<sup>11</sup>, eventualmente negando o acesso às crianças numa altura em que mais precisavam<sup>12</sup>. A frequência dos centros de saúde comunitários **diminuiu 52 a 73%**, tendo a maior queda ocorrido nas áreas mais afectadas pelo Ébola.<sup>14</sup> **As análises do surto de Ébola de 2014-2015 sugerem também que o aumento do número de mortes causadas por sarampo, malária, HIV/SIDA e tuberculose atribuíveis a falhas do sistema de saúde excedeu as mortes<sup>15</sup> de Ebola<sup>16</sup>.** Por conseguinte, é crucial que o sistema de saúde mantenha a prestação de serviços de saúde essenciais para mitigar o risco de colapso do sistema e esteja equipado para ter um ambiente protector para proteger as pessoas que acedem ao espaço.

A saúde holística das crianças e dos seus cuidadores terá de ser tomada em consideração, o que deverá ter intencionalmente em conta o seu bem-estar mental. A COVID-19 conta agora como um cenário de emergência e humanitário em que os sistemas, as comunidades e os indivíduos enfrentam desafios adicionais relacionados com as circunstâncias contextuais. A prestação de Apoio Psicossocial exige uma coordenação alargada, colaboração, abordagens contextualizadas de toda a sociedade e de vários níveis à saúde mental e à resposta de apoio psicossocial com recomendações específicas para as populações especialmente vulneráveis (por exemplo, idosos, pessoas com deficiência, crianças, prestadores de cuidados, adultos isolados, pessoas que trabalham na resposta), bem como para o público em geral

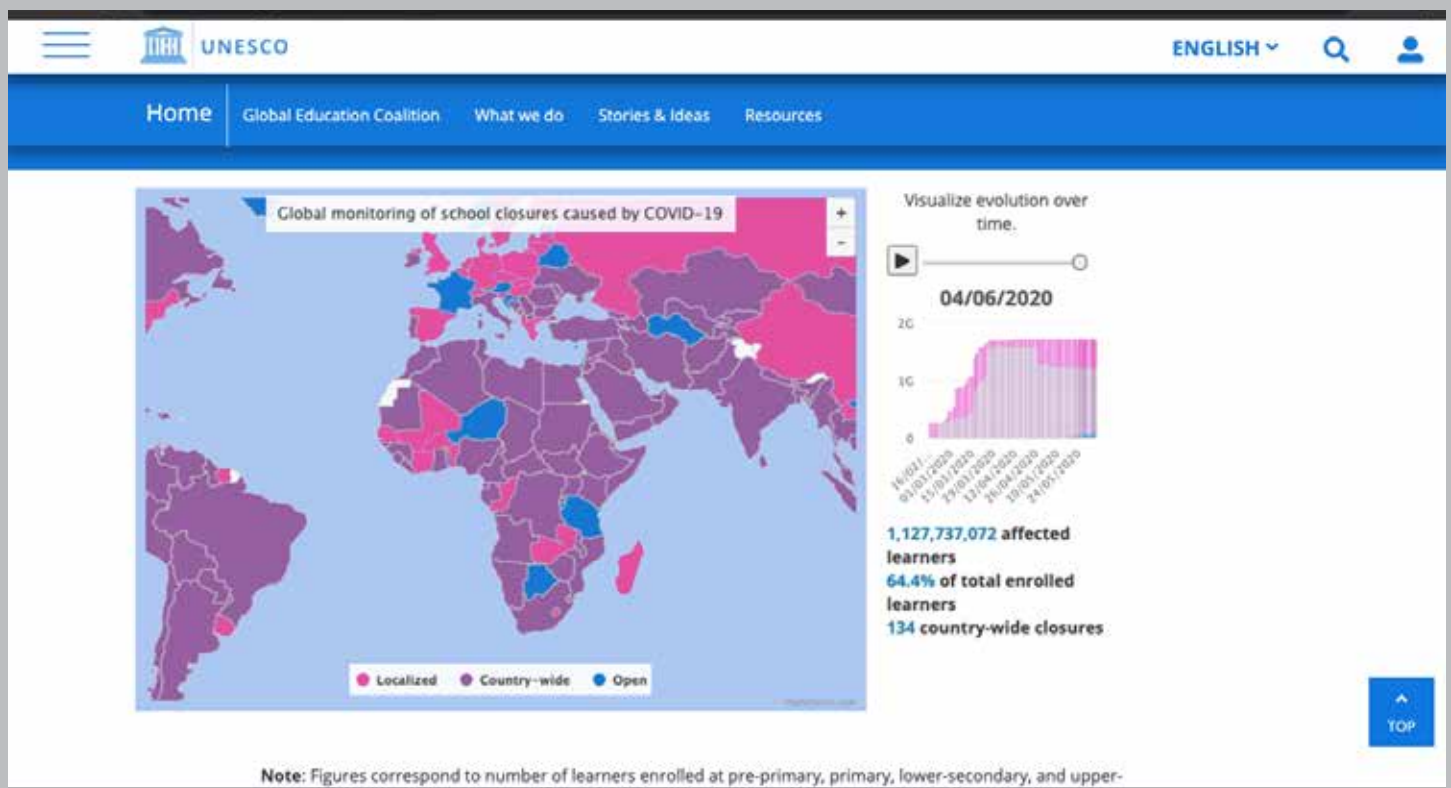


## 1.2. O ENCERRAMENTO DE ESCOLAS: A NECESSIDADE DE PROTEGER SEM SACRIFICAR UMA GERAÇÃO!

### Mais de 262 milhões de alunos fora da escola devido à COVID-19

A partir de 16 de Abril, estima-se que mais de 262,5 milhões de crianças (aproximadamente 21,5% da população total em África) do ensino pré-escolar ao secundário estão fora da escola em África devido à COVID-19. Antes da crise da COVID-19, a África Subsariana apresentava já as taxas mais elevadas de exclusão escolar, com mais de um quinto das crianças entre os 6 e os 11 anos de idade fora da escola em tempos normais. A COVID-19 levou ao encerramento de escolas a nível nacional em todos os países de África, variando por períodos entre 3 semanas e indefinidamente. Este encerramento prolongado da escola resultará na negação do direito básico de aprender a mais milhões de crianças. A falta de um sistema educativo alternativo exige uma liderança política forte para evitar o enfraquecimento de um sistema educativo já de si frágil.

O impacto na aprendizagem já foi significativo, e os pressupostos de planificação prevêem a interrupção do ensino formal e não formal ao longo de 3 a 4 meses. O verdadeiro risco é ter demasiadas crianças que não regressam à escola após a pandemia, com um risco particular para os grupos mais vulneráveis, para os quais a escola pode já não ser uma prioridade quando se trata de sobreviver no verdadeiro sentido da palavra. Isto é particularmente verdade em países que já sofrem de décadas de crises humanitárias como a República Democrática do Congo (RDC), o Sul do Sudão, a Nigéria, Mali, Moçambique, etc. Nesses contextos, as crianças já perderam períodos substanciais de aprendizagem. Na África Ocidental e Central, mais de dois milhões de crianças já estavam fora do sistema devido à insegurança que existia antes da pandemia. A crise da COVID-19 coloca a promessa da comunidade mundial de realizar o direito a uma educação de qualidade para todas as crianças e adolescentes até 2030, numa situação mais comprometedor do que nunca.



## O Governo deve agora passar do encerramento das escolas para a manutenção do sistema de aprendizagem

O planeta escolar está actualmente em pausa; quase todos os países Africanos já são afectados pelo encerramento das escolas. Se o encerramento das escolas era certamente muito necessário para evitar uma maior propagação da COVID-19, não devemos subestimar o risco real de as crianças que tiveram a sua educação interrompida abandonarem totalmente a escola. Embora muitos governos tenham feito progressos na inclusão de estratégias e protocolos relacionados com deslocações ou catástrofes na planificação do sector da educação, nenhum governo estava preparado para enfrentar tal risco de pandemia de saúde pública.

Se a disponibilidade limitada de opções alternativas de ensino à distância em toda a África constitui um obstáculo à continuidade da aprendizagem e ao bem-estar das crianças, a possibilidade de as escolas não reabrirem este ano lectivo deverá obrigar o governo a desenvolver cenários para manter alguma aprendizagem básica para e com as crianças. Cursos on-line quando a ligação permite, programas escolares transmitidos na rádio ou num [canal de televisão](#), específico, os sistemas escolares do continente estão a tentar reinventar-se o melhor que podem para garantir um pouco de continuidade e reconstruir uma rotina escolar, poupando estes tempos de confinamento para os jovens Africanos.

Muitos países, como a [Costa de Marfim](#), Quênia, Etiópia, Gana, Moçambique, Senegal, Etiópia... estão a fazer avançar o currículo educacional através da rádio e da televisão para manter algum sistema de aprendizagem para as crianças

### TV de Aprendizagem do Gana, A TV ensina alunos confinados

O curso é transmitido pela TV de Aprendizagem do Gana, um canal de televisão que permite aos cerca de 900.000 alunos do ensino secundário continuar a sua formação.

Na TV de Aprendizagem do Gana, as aulas começam às 8h30 da manhã, como num dia normal de escola, com quarenta e cinco minutos de matemática para alunos do ensino secundário...as aulas continuam durante o resto do dia com sessões de Inglês, Física, Química e Ciências Sociais.

O canal, lançado pelo Ministério da Educação em parceria com a Empresa Estatal de Radio Difusão do Gana, destina-se actualmente apenas a estudantes do ensino secundário. O governo anunciou a sua intenção de lançar em breve um canal semelhante para que as crianças das escolas primárias e secundárias possam também acompanhar a sua educação. ... De acordo com dados do Banco Mundial, 21% da população Ganesa não tem acesso à energia. Razão pela qual o GNECC defende a difusão destes mesmos programas na rádio, para que o maior número possível de crianças possa ter acesso aos mesmos...

Extracto do artigo de Dylan Gamba no "Monde Africa", publicado em 22 de Abril de 2020

Africanas. Em Moçambique, a estação de televisão pública nacional criou um canal dedicado, chamado TELESCOLA, no qual são dadas diariamente lições em directo. E alguns países como o Mali, Burkina Faso, Senegal, Zâmbia reabrirão os exames das aulas no início de Junho, mas as escolas precisam de se adaptar para estarem prontas a tempo Mas os sistemas de ensino à distância propostos precisam também de ter em consideração as enormes disparidades para não deixar nenhuma criança para trás: "Na África Subsariana, 89% dos alunos não têm acesso aos computadores em casa, 82% não têm acesso à Internet e cerca de 28 milhões de alunos vivem em locais não servidos por redes móveis"<sup>17</sup>. O desenvolvimento de novas formas de aprendizagem sem esquecer as limitações enfrentadas pelas raparigas e pelos rapazes mais vulneráveis nas zonas urbanas e rurais, incluindo os refugiados e os deslocados internos, está a tornar-se essencial.

No Ruanda, Mali, Burkina Faso, Uganda e Serra Leoa, os governos iniciaram a Instrução Radiofónica Interactiva. No Burkina Faso e no Ruanda, o Ministério da Educação criou uma rádio específica, com uma frequência específica, que abrange todo o país, para ministrar programas de aprendizagem. Além disso, foi criada uma plataforma educativa online para alunos e professores do ensino primário, pós-primário, secundário e não formal para o ensino à distância.

### Manter as crianças a aprender quando estão fora da escola em África

O Uganda distribuiu pacotes de aprendizagem ao domicílio a mais de 100,000 crianças em algumas das zonas rurais mais remotas e em aglomerados de refugiados. A maioria destas crianças não tem acesso à rádio ou à televisão, pelo que, de outra forma, ficariam de fora. Os pacotes incluem material de estudo e de leitura e informações amigáveis para as crianças sobre como permanecerem seguras e saudáveis.

Na Etiópia, num esforço para responder às necessidades de aprendizagem de mais de 26 milhões de crianças em idade escolar, a [Save the Children assegurou 9 canais de televisão por satélite gratuitos até ao final de 2020](#) para apoiar a aprendizagem à distância. A Save the Children está a trabalhar com a UNICEF e o Ministério da Educação para fornecer a educação, bem como mensagens sobre saúde mental e física e higiene, para que as crianças possam continuar a aprender e permanecer seguras enquanto estão fora da escola.

No Quênia e no Malawi, a Save the Children está a apoiar a aprendizagem e o bem-estar das crianças enquanto as escolas estão fechadas, complementando o currículo da rádio académica nacional com apoio psicossocial interativo e actividades de aprendizagem social e emocional.

Em Moçambique, a Save the Children tem vindo a ministrar aulas de alfabetização e numeracia através da rádio comunitária, complementando com a distribuição de mais de 35.000 livros de exercícios e materiais para estudantes do ensino primário e secundário, bem como a formação de professores sobre como apoiar a aprendizagem das crianças em casa enquanto as aulas regulares permanecem fechadas.

No Burkina e no Ruanda, a Save the Children está a adquirir rádios para agregados familiares vulneráveis (mais de 80% dos agregados familiares não têm acesso a rádios) para poderem aceder à programação educativa baseada na rádio transmitida pelo governo.



## Além das perturbações a educação

Os governos, as autoridades escolares e outros agentes educacionais devem também responder ao impacto negativo que o encerramento das escolas terá na aprendizagem a longo prazo das crianças. De acordo com os últimos dados do Programa Mundial de Alimentos, “mais de 368 milhões de crianças em idade escolar estão agora a perder as refeições escolares de que dependem<sup>18</sup>”. Na África Oriental e Austral, estima-se que 3,5 milhões de crianças já não recebam refeições escolares devido ao encerramento das escolas. Por exemplo, em Moçambique, na sequência do encerramento de escolas em 23 de Março, 235 000 crianças deixaram de ter acesso a programas de alimentação escolar e prevê-se que a subnutrição se agrave no período que se segue. Estima-se que 67.500 crianças necessitarão de tratamento para a subnutrição nos próximos nove meses.

As crianças que estão fora da escola correm também um maior risco de serem abusadas e exploradas, ou recrutadas à força para grupos armados<sup>19</sup> e, no caso das raparigas, é mais provável que nunca mais regressem à escola quando as aulas recomeçarem. medida que as pressões aumentam nas famílias com baixos rendimentos, as crianças podem ter de trabalhar para reforçar os rendimentos familiares ou tornar-se vítimas de casamento infantil, e as raparigas, em especial, podem também enfrentar uma gravidez precoce e um fardo desproporcionado de cuidar de membros da família que contraem o vírus ou cuidem de crianças mais pequenas.

Apesar de todas as escolas estarem fechadas e de já não existirem alunos, várias infra-estruturas educativas continuam a ser atacadas no Mali e no Burkina Faso. Os governos, as forças armadas e os grupos armados não estatais devem continuar a aplicar a Declaração “Escolas Seguras”, tomar medidas para estabelecer as escolas como “zonas de paz” e pôr termo aos ataques e ameaças contra escolas, alunos, professores e outro pessoal escolar. Com a expansão da COVID-19, as instalações de ensino e os Centros Temporários de Aprendizagem são cada vez mais utilizados como centros de cuidados médicos em contextos em que a procura de serviços e instalações de cuidados de saúde excede a capacidade. Na Nigéria, as autoridades já estão a manifestar a sua intenção de o fazer.

### A Linha-verde para crianças do Botsuana apoia crianças e pais que sofrem traumas ou violência em resultado da COVID-19

A Save the Children está a colaborar com a Childline Botswana para fornecer serviços dedicados de apoio psicossocial a crianças em todo o país. A parceria inclui o funcionamento de uma linha nacional de apoio à protecção da criança, acessível às crianças e famílias 24 horas por dia e que presta apoio individualizado às crianças e famílias em situação de stress ou violência. Apoiar as pessoas que trabalham para a linha de apoio encaminham e denunciam casos de abuso, identificam famílias com necessidades agudas e prestam apoio psicossocial às crianças e aos pais.

Na sequência do surto da COVID-19, a Save the Children trabalhou com a Childline Botswana para expandir e adaptar a linha de apoio para a transformar num centro de contacto COVID-19, respondendo a perguntas de crianças e famílias que lutam com várias dificuldades devido à pandemia. Isto é particularmente importante tendo em conta os receios de um aumento da violência sexual ou baseada no género devido ao encerramento das escolas.

Com parceiros da Rede de Protecção da Criança, os assistentes sociais da Childline Botswana também oferecem agora serviços de aconselhamento em locais de quarentena para pessoas com ou suspeitas de terem COVID-19, e estão a providenciar gestão de casos de assistência social.



### Sierra Leoa: Aminata\* continua a sua educação através de aulas de rádio

Desde o início de Abril, estudantes como Aminata, 17 anos, e o seu irmão de oito anos podem continuar a sua educação através de um Programa de Ensino de Rádio, desenvolvido e transmitido pelo governo, com o apoio da Save the Children e outros parceiros. Todos os dias da semana, desde as 10 da manhã até ao final da noite, cerca de 40 professores trocam-se diante do microfone do estúdio para dar aulas a 2,6 milhões de crianças. Esta é uma primeira tentativa para compensar o encerramento de escolas e a interrupção da educação devido à pandemia da corona para crianças em idade escolar em toda a Serra Leoa.

Aminata\* gosta de História, Literatura e Inglês. Todas as noites, ela leva o pequeno rádio amarelo da família para o seu quarto para se concentrar nos seus estudos, porque durante os dias, ela deve primeiro ajudar a sua mãe com as tarefas domésticas e depois o seu irmão mais novo com os seus trabalhos de casa.

É um pouco complicado ter lições como esta. Tenho saudades de ir à escola e da minha vida quotidiana com os amigos, mas é melhor do que não poder aprender nada, diz ela. Já em 2014, durante o surto de Ébola, as aulas de rádio revelaram-se uma forma eficaz de chegar às crianças. Na Serra Leoa, muitas crianças vivem em zonas rurais sem computadores nem acesso à Internet, enquanto algumas estimativas mostram que o meio de rádio atinge cerca de 80% da população.



No final da crise do Ébola na Serra Leoa, o país tinha registado um aumento de 11.000 gravidezes na adolescência<sup>20</sup>. Uma das consequências foi a queda das taxas de inscrição de raparigas dos 12 aos 17 anos de idade, que baixaram de 50 para 34 por cento em muitas aldeias<sup>21</sup> ou porque estavam grávidas ou porque eram casadas. Os governos precisam de criar sistemas para responder a estas vulnerabilidades crescentes.

## No Malawi: estamos a ampliar os projectos existentes para incluir a COVID-19

No Malawi, as taxas de casamento infantil e de gravidez na adolescência são elevadas, com as escolas fechadas há um risco muito elevado de as crianças, em especial as adolescentes, não regressarem à escola. A Save the Children está a trabalhar para compreender este risco, a advogar junto dos governos nacionais e distritais e a adaptar os programas actuais/desenhos futuros que dão prioridade às raparigas adolescentes para que continuem a sua aprendizagem e se preparem para regressar à escola através dos Pais Responsáveis, Empenhados e Amorosos (REAL). A iniciativa Pai REAL habilita os homens nas comunidades a criar um ambiente positivo e de apoio à educação das raparigas através da promoção de abordagens positivas de parentalidade e não violentas à disciplina, através de acções de sensibilização e de campanhas em massa.

**“Espera-se que os jovens assumam papéis de género socialmente definidos que moldam o seu futuro em matéria de saúde sexual e reprodutiva. Tal como outros pais da nossa comunidade, estávamos impotentes e mais preocupados com a possibilidade de as nossas filhas se tornarem sexualmente activas, grávidas e abandonarem a escola. Antes da iniciativa do Pai REAL, não sentíamos que esta fosse uma questão que pudéssemos levantar por medo de sermos acusados de ter uma relação sexual com a nossa filha ou sobrinha. A nossa cultura fez-nos acreditar que nos devíamos distanciar das nossas filhas e falar de saúde sexual e reprodutiva era tradicionalmente o papel das mulheres.”**

\*REAL FATHER.

**“Não estou contente por não ir à escola, mas tento fazer algumas coisas que me fazem feliz em casa”**

SA'ADATU, 12, ZAMFARA, NIGERIA



# OS RISCOS PARA AS CRIANÇAS MAIS VULNERÁVEIS

## 2.1. PROTECÇÃO LIMITADA E RISCO ACRESCIDO DE VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO DEVIDO À COVID-19

É amplamente reconhecido que as crises exacerbam as desigualdades, as questões de protecção infantil e as mulheres e raparigas estão em risco de violência sexual baseada no género (SGBV). No contexto da COVID-19, a vida das crianças pode mudar rapidamente<sup>22</sup>. A rotina e os mecanismos de protecção das crianças são perturbados devido às medidas de quarentena, às restrições à circulação e ao encerramento das escolas. Tanto as crianças, como os pais e os prestadores de cuidados estão a ser colocados sob stress e são mais susceptíveis de desenvolver comportamentos violentos. O estigma e a discriminação podem tornar as crianças mais vulneráveis à violência e ao sofrimento psicossocial. Os riscos para a protecção das crianças incluem maus-tratos físicos e emocionais, lesões e negligência devido à falta de supervisão, exploração sexual, incluindo sexo para assistência e casamento infantil<sup>23</sup>.

**Na Etiópia, a Save the Children** estabeleceu parcerias com quatro importantes instituições religiosas para desenvolver e transmitir mensagens amigáveis às crianças de sensibilização contra COVID e de protecção, através de mais de **310,000 Igrejas** e mais de **15 000 mesquitas**, bem como através da televisão e da rádio, chegando a mais de **40 milhões de pessoas** de pessoas em todo o país.

As crianças mais vulneráveis estão menos protegidas, incluindo crianças refugiadas não acompanhadas e separadas, crianças migrantes e deslocadas, crianças de rua, crianças afectadas por conflitos armados, crianças em detenção judicial, crianças com deficiência e raparigas e crianças colocadas em instituições, que estão mais expostas à contaminação, bem como à violência e ao abuso. Podem também ser consideradas como uma fonte de contágio da COVID-19. e sujeitas a discriminação

e violência, o que pode resultar em novos movimentos. Podem ser deixados para trás e fora de uma estratégia de resposta em que os cuidados alternativos para as crianças mais vulneráveis não existem ou não estão a funcionar. A título de exemplo, face ao aumento dos riscos da saúde, o Governo do Senegal adoptou, em Março de 2020, um plano de acção nacional que visa retirar mais de 20 000 crianças das ruas, incluindo uma maioria de talibãs explorados para mendigar sob o pretexto da educação religiosa. A operação, ainda em curso, está a revelar-se extremamente complexa, colocando uma pressão sem precedentes nos centros de acolhimento temporário e num frágil sistema de protecção infantil e exigindo uma coordenação alargada das partes interessadas a diferentes níveis e a adesão de agentes religiosos para assegurar o regresso sustentável das crianças nas suas comunidades de origem. Os riscos de protecção são particularmente elevados para as crianças com deficiência, mais susceptíveis de estarem isoladas, em contextos residenciais e, em alguns casos, podem estar em maior risco de contrair a COVID-19 e de serem mais gravemente afectadas por ela.

A pandemia também afecta raparigas e rapazes, mulheres e homens de forma diferente. As desigualdades são exacerbadas

### Aprender com a experiência da Serra Leoa para proteger as raparigas da VSBG.

Durante o surto da doença de Ebola de 2014-16 na África Ocidental, o número de gravidezes adolescentes aumentou drasticamente, deixando as raparigas sozinhas e não podendo voltar à escola, após o surto. Em 30 de Março de 2020, o Governo da Serra Leoa, através do seu Ministério do Ensino Básico, Medio e Superior, anunciou que a decisão do Governo de 2010 de impedir as raparigas grávidas de frequentarem a escola foi anulada. Esta importante decisão é um reconhecimento claro da Violência Baseada no Género que afecta as raparigas durante a crise e deverá inspirar outros governos Africanos. Um sinal semelhante da União Africana seria um sinal claro para proteger as raparigas da VSBG.

e as mulheres, as raparigas e outras populações vulneráveis são colocadas em risco de violência baseada no género. As medidas de contenção, incluindo a quarentena, poderiam expor as raparigas à violência baseada no género e obrigar as raparigas e as suas famílias a adoptar mecanismos negativos, tais como o sexo para satisfazer necessidades básicas ou o casamento de crianças. medida que as pressões económicas aumentam, as raparigas e as mulheres suportarão a maior parte do peso dos cuidados não remunerados.

As mulheres e as raparigas são igualmente responsáveis pela recolha, manuseamento da água, tarefas domésticas/ limpeza, cozinha, recolha de lenha e, com o sector da saúde em dificuldades, deverão socorrer o Estado, prestando cuidados aos doentes. Isto expõe-as a níveis mais elevados de infecção quando os países se encontram na fase de aumento das transmissões locais.

### Mali: As crianças exigem prestação de contas para as crianças vulneráveis (que vivem na rua)

O Parlamento Nacional da Criança do Mali, em funções desde 1996, dirigiu-se em Abril ao Governo do Mali com uma carta de preocupação, para sublinhar a urgência de proteger as crianças que vivem na rua e as crianças afectadas pelo conflito armado durante a pandemia de Covid-19. Na carta, os representantes das crianças no Parlamento afirmaram que estas crianças se encontram entre as mais vulneráveis, uma vez que estão mais expostas à doença nas ruas e vivem no meio de um conflito em curso. Pediram aos seus ministros que tomassem medidas para as crianças que vivem na rua e para o governo facilitar o acesso da assistência humanitária às crianças que vivem em zonas de conflito.

Para apoiar a sua exigência, as crianças lançaram uma campanha pública para proteger as crianças que vivem na rua. Através da televisão, dos meios de comunicação social e do WhatsApp, pretendem sensibilizar para esta questão, a fim de pressionarem ainda mais o seu governo a agir. A Save the Children tem apoiado os parlamentos das crianças no Mali, fornecendo orientação e formação em matéria de sensibilização, campanhas e questões relacionadas com os direitos da criança.

### No meio da crise do Covid-19, a Save The Children apoia o Conselho Nacional de Bem-Estar da Criança para garantir que as crianças de Khalwas e dos reformatórios regressem a casa em segurança - Sudão

As crianças que vivem actualmente em Khalwas (escolas religiosas) e reformatórios em todo o Sudão estão agora a regressar em segurança destas instituições, num esforço conjunto da Save the Children e do Conselho Nacional para o Bem-Estar da Criança. Estão a ser tomadas medidas para reduzir o risco de propagação da COVID-19 dentro destas instituições.

Como parte deste processo, a Save the Children está a providenciar a gestão de casos individuais para crianças vulneráveis, empreendendo esforços de localização e reunificação familiar e, quando as famílias são identificadas, levando as crianças de volta para as suas casas. A Save the Children já apoiou a reunificação de quatro crianças de Khalwas e reformatórios com as suas famílias, com mais crianças a serem acompanhadas nas próximas semanas.

Mais de 145.000 crianças entre os 5 e 18 anos de idade vivem em Khalwas e reformatórios em todo o Sudão. Muitas destas crianças estão a centenas de quilómetros das suas famílias, e raramente regressam a casa, e algumas destas crianças são órfãs, o que significa que quando deixarem as instituições, terão de ser colocadas em famílias de acolhimento ou em instituições de caridade.

Desde a confirmação do primeiro caso de COVID-19 no Sudão, em 13 de Março de 2020, o Governo do Sudão tomou medidas de protecção rápidas e fortes para mitigar os riscos da sua propagação, incluindo o encerramento de escolas durante duas semanas a partir de 15 de Março de 2020. O Conselho Soberano do Sudão encerrou também todos os aeroportos, portos e travessias terrestres (excluindo as remessas de apoio humanitário, comercial e técnico) e declarou uma emergência de saúde pública na segunda-feira, 16 de Março.

### “O que me aconteceu no Ébola não vai acontecer durante a Corona.”

Nas catástrofes e surtos, são as mulheres e as crianças que mais sofrem. Kadiatu\*<sup>17</sup>, beneficiária do Projecto “Segunda Oportunidade” da Save the Children, vive no cais de Rokupa, uma comunidade de pescadores densamente povoada onde milhares de pessoas vivem em casas improvisadas construídas com lama e chapas metálicas onduladas.

Durante o surto de Ébola, as escolas foram fechadas durante quase um ano para evitar que as crianças e os professores contraíssem o vírus mortal. Foi durante este período que Kadiatu\* enfrentou o seu pior pesadelo: engravidou de um rapaz cuja família se encontrava em boas condições. “A minha família e eu estávamos desesperados, mal tínhamos dinheiro suficiente para a comida. Quando pedia comida à minha mãe, ela dizia-me que eu era uma menina crescida, por isso devia encontrar formas de trazer dinheiro para alimentar a família”. Vindo de uma família que mal conseguia fornecer uma refeição quadrada por dia, Kadiatu\* tornou-se o ganha-pão. “Foi assim que acabei por engravidar”, disse ela. “Desisti da escola quando estava prestes a fazer os exames da Escola Secundária”.

Num estudo realizado em 2005, após a Ébola, os resultados mostraram um aumento dramático de mais de 60% nas taxas de gravidez na adolescência durante os nove meses de encerramento escolar. Para mitigar a recorrência desta tragédia durante a COVID-19, a Save the Children distribuiu alimentos e artigos não alimentares a mais de 400 crianças mães e adolescentes em comunidades vulneráveis da zona ocidental.

Lembrando o que ela passou, Kadiatu\* está determinada a não deixar que a história se repita. “Pelo menos com este fornecimento, não tenho de sair à procura de comida e acabar estar grávida”.

A sua experiência motivou-a a juntar raparigas com histórias semelhantes para fazer o que ela chama de “pequena sensibilização”, onde se encontra com raparigas adolescentes para partilhar a sua história e aconselhá-las sobre os impactos negativos da gravidez na adolescência. “Tivemos a sorte de dar à luz em segurança numa idade tão jovem. Preocupou-me com algumas destas crianças porque podem não ter tanta sorte.”



## 2.2. A COVID-19 ESTÁ A AGRAVAR A INSEGURANÇA ALIMENTAR E A SUBNUTRIÇÃO EXISTENTES

### O lockdown e a restrição dos movimentos não são a única resposta

Com economias pouco diversificadas, os encerramentos de fronteiras e de mercados, como a restrição de movimentos, afectam os países subsarianos, que são extremamente vulneráveis a choques externos.<sup>24</sup> Os países de baixos rendimentos consagram 37% das suas receitas de exportação de mercadorias à importação de alimentos, mais do quántuplo da quota das economias desenvolvidas<sup>25</sup>. A grande maioria da África Subsariana depende das importações de alimentos, e a segurança alimentar é vulnerável às perdas de receitas resultantes do abrandamento da actividade económica provocado pela COVID-19. As fronteiras Africanas caracterizam-se por um grande número de mulheres que atravessam diariamente as fronteiras. De acordo com um relatório do Banco Mundial sobre as *Mulheres e o Comércio*, estima-se que o comércio informal transfronteiriço seja uma fonte de rendimento para 43% da população Africana. A maioria das mercadorias que atravessam as fronteiras Africanas são produtos agrícolas.

#### Distribuição de artigos de prevenção às unidades sanitárias dos bairros pobres de Mathare e Kibera, Nairobi

A Save the Children está a apoiar o Ministério da Saúde do Quênia na realização de cartografia e registo dos agregados familiares nos bairros pobres de Mathare de Nairobi, a fim de abrandar a propagação da COVID-19 e informar a planificação da resposta. A Save the Children também distribuiu suprimentos de prevenção de infecções, tais como cloro, desinfectantes, luvas, pulverizadores e máscaras cirúrgicas, a unidades sanitárias que servem a população urbana, tanto nos bairros de Mathare como de Kibera.

À medida que a pandemia se agrava e que os países de todo o mundo fecham as suas fronteiras, cresce o receio de que haja um potencial efeito devastador na segurança alimentar, com os principais produtores e exportadores de alimentos a adoptarem barreiras comerciais ou proibições de exportação, como aconteceu durante a crise alimentar de 2007-2008. O G20 comprometeu-se muito claramente a evitar o aumento das restrições à exportação.

Actualmente, os mercados alimentares são, em primeiro lugar, afectados por restrições logísticas e pela escassez de mão-de-obra. Estas medidas poderão também ter algum impacto

colateral na situação das famílias mais pobres. Para muitos países da África Subsariana, o risco de crise alimentar poderá ser causado tanto pela falta de disponibilidade de alimentos como pelos riscos de exploração, abuso e violência para mulheres e crianças, bem como exacerbar os já existentes. A maioria das mulheres rurais trabalha na economia informal - ou seja, em empregos mal remunerados e precários - pode enfrentar uma diminuição drástica dos rendimentos e da segurança dos seus filhos.

### Pequenos agricultores e agregados familiares em risco

Na [África Subsariana, cerca de 60% da população está envolvida na agricultura](#), incluindo os pequenos agricultores. As mulheres, que constituem cerca de 43% da mão-de-obra agrícola nos países em desenvolvimento, são geralmente desfavorecidas, com menos direitos e dotações do que os seus parceiros masculinos.<sup>26</sup> Fazem parte de um grupo muito vulnerável, que pode ser impedido de trabalhar nas suas terras/acesso aos mercados para vender os seus produtos ou comprar sementes e outros factores de produção essenciais. A variabilidade climática e os extremos, em parte devido às mudanças climáticas, representam já uma ameaça crescente para a segurança alimentar e a nutrição em África. Os efeitos cumulativos dos choques climáticos e das perturbações dos meios de subsistência induzidas pela COVID-19 são susceptíveis de agravar os resultados negativos em matéria de alimentação e nutrição em África.

Os efeitos cumulativos dos choques climáticos e das perturbações dos meios de subsistência induzidas pela COVID-19 são susceptíveis de agravar os resultados negativos da alimentação e da nutrição em África. Mesmo que as cadeias de abastecimento alimentar não sejam grandemente afectadas, as restrições sociais podem ter um impacto grave em muitas pessoas que querem comprar e ter acesso aos alimentos.

A crise da COVID-19 pode ter consequências humanas potencialmente dramáticas. Os potenciais impactos nos próximos

#### Primeiros impactos da restrição ao rendimento e à segurança alimentar no Senegal

Um estudo do Centro Global para o Desenvolvimento tem vindo a analisar o impacto da [COVID 19 nos agregados familiares no Senegal](#). A principal conclusão foi que “a população parece já estar a sofrer economicamente com a crise, com 86,8% dos inquiridos a reportar a uma perda de rendimento e quase metade a reportar um aumento no preço do arroz (46,6%). O número de inquiridos também reportou uma redução na dimensão das refeições aumentou acentuadamente em Dacar e no resto do Senegal (4 a 7 vezes por semana).”

meses incluirão graves restrições em termos de acessibilidade aos mercados e aos meios de subsistência (como sementes, instrumentos e factores de produção) para os milhões de pequenos agricultores que têm de preparar os seus campos para a estação das chuvas. A mobilidade dos pastores será seriamente dificultada por restrições de circulação e representará uma questão crítica para o acesso à pastagem e à água para o gado. A perturbação do funcionamento dos sistemas alimentares (cadeia de abastecimento alimentar, cadeia de valor alimentar, etc.), bem como o abrandamento das importações de alimentos e de bens de primeira necessidade, constituem riscos graves para



os agregados familiares. Por último, os mais pobres, tanto nas zonas urbanas como rurais, correrão o risco de sofrer reduções de rendimento, uma vez que as restrições à circulação poderão levar a uma redução progressiva das oportunidades de emprego formal e informal, ao mesmo tempo que os preços dos alimentos poderão aumentar. Segundo a Comissão de Criação de Emprego da Etiópia, cerca de 1,4 milhões de pessoas (sobretudo jovens e mulheres) que dependem de trabalhos que lhes proporcionam a sua substância quotidiana perderam os seus empregos e a previsão é de que os números aumentarão exponencialmente. As preocupações com os meios de subsistência apresentarão também nova restrição dos movimentos, atrasos no transporte aéreo de mercadorias ou medidas de confinamento.

## Esta pandemia irá agravar ainda mais as vulnerabilidades na segurança alimentar e nutrição

A COVID-19 já se estendeu a países vulneráveis já confrontados com a fome e atingidos por outras crises – [o surto de gafanhotos do deserto no Corno de África e a insegurança no Sahel](#), por exemplo. Se os casos da COVID-19 continuarem a aumentar, os países que enfrentam limitações em termos de capacidade de saúde pública e que necessitam de ajuda alimentar externa, ou que já estão a passar fome aguda, as consequências poderão ser drásticas. Nas populações em que as mulheres são responsáveis pela segurança alimentar no seio do agregado familiar, a escassez de alimentos e o aumento da insegurança alimentar colocam-nas sob uma pressão acrescida e podem expô-las à violência do parceiro íntimo ou à dependência de mecanismos negativos de resposta, como o recurso ao comércio de sexo para necessidades básicas como a alimentação, a exploração e o abuso sexual (AAE) ou mesmo o entregar as raparigas para casamentos.<sup>27</sup>

O estudo regional de segurança alimentar da África Ocidental e Central prevê que cerca de [19 milhões de pessoas na África Ocidental e Central serão afectadas pela insegurança alimentar](#) e nutricional entre Junho e Agosto de 2020 (Cadre Harmonisé analysis, Março de 2020). A crise pandémica da COVID-19 agravará ainda mais as vulnerabilidades existentes e alarmante da insegurança alimentar e nutricional. A nível mundial, as mulheres são mais susceptíveis do que os homens de sofrer de insegurança alimentar; embora as mulheres produzam mais de metade dos alimentos do mundo, representam 70% dos famintos do mundo<sup>28</sup>. Em contextos de crise, as famílias chefiadas por mulheres estão geralmente mais expostas ao risco de insegurança alimentar, devido ao facto de existirem poucas oportunidades de trabalho para as mulheres. A nível mundial, as mulheres, as adolescentes e as crianças de tenra idade correm um risco acrescido de subnutrição, o que, por sua vez, pode aumentar a sua susceptibilidade a doenças infecciosas como a COVID-19. Prevê-se que quase 50 milhões de pessoas na região se encontrem em crise alimentar e nutricional para a próxima estação de escassez<sup>29</sup>, o que representa um aumento de 76% em relação aos números de 2019. O impacto da COVID-19 nos sistemas de saúde já sobrecarregados e nos meios de subsistência precários, poderá resultar na morte de mais pessoas devido às consequências da fome, da subnutrição ou de uma doença mortal que não será tratada.

Por último, mas não menos importante, os 1,2 mil milhões de habitantes de África enfrentam a maior percentagem de subnutrição do planeta, afectando mais de 20 por cento da população. A pandemia COVID-19 constitui uma ameaça importante para o estado nutricional das crianças com menos de cinco anos e das suas mães, num contexto já agravado por

causas subjacentes como a elevada incidência de doenças, o nível endémico de pobreza, a capacidade limitada dos sistemas de saúde, a deslocação da população ou a falta de acesso aos serviços básicos de saúde devido a conflitos, práticas nutricionais sub-óptimas e nível de insegurança alimentar.

Estas projecções de insegurança alimentar, juntamente com o impacto potencial da COVID-19 na capacidade dos sistemas de saúde, podem prejudicar ainda mais o estado nutricional destes grupos vulneráveis. A perturbação da cadeia de abastecimento de medicamentos essenciais e de alimentos terapêuticos/suplementares poderia levar a atrasos na entrega destes produtos a nível da unidade sanitária devido a perda de rendimentos, acesso restrito a serviços essenciais (incluindo cuidados de saúde), acesso reduzido aos mercados e à terra, e um aumento dos preços dos produtos de base que, conseqüentemente, ameaçam os meios de subsistência das populações deslocadas e dos seus filhos.

Os resultados agrícolas dos países desempenham um papel importante na redução da insegurança alimentar e nutricional. Contudo, as medidas restritivas da COVID-19 são susceptíveis de impedir que muitos agricultores da África Subsariana (AS) cultivem as suas terras, conduzindo a uma fraca produção agrícola. [O Banco Mundial prevê uma quebra de cerca de 37% da produção agrícola na África Subsariana](#), devido a limitações de circulação. Prevê-se igualmente que as importações de alimentos, nomeadamente arroz, farinha e produtos similares, [registem uma quebra de 13-25%](#). Se não forem adoptadas medidas alternativas, várias famílias não poderão satisfazer as suas necessidades alimentares e nutricionais até às próximas épocas agrícolas.

### 50 milhões de pessoas em risco na região do Sahel.

Oito organizações regionais e internacionais alertaram para o impacto do coronavírus combinado com a estação de escassez e o conflito e a insegurança, que irá aumentar a população da África Ocidental.

Os trabalhadores do sector alimentar estão a lutar para continuar as suas actividades e ver os seus meios de subsistência ameaçados. Devem ser tomadas medidas para proteger os mais vulneráveis e assegurar a produção alimentar, para que a fome e a subnutrição deixem de constituir uma ameaça diária.

Nas principais cidades da região, bem como nas zonas rurais, apesar dos esforços dos governos, muitas comunidades enfrentam actualmente dificuldades no acesso aos mercados alimentares, com os preços a aumentar rapidamente e muitos produtos de base a ficarem menos disponíveis, as consequências das medidas restritivas aplicadas, do confinamento ou do recolher obrigatório, do encerramento das fronteiras e da insegurança em determinadas zonas.

No Burkina Faso, Amadou Hamadou DICKO, presidente da Associação para a Promoção da Pecuária no Sahel e na Savana (APESS), afirma que: *“Em poucos dias, o saco de 100kg de mapira passou de 16 000 para 19 000 CFA e o litro de óleo de cozinha quase duplicou. Da mesma forma, para os criadores, o preço de um saco de bolo de algodão para alimentar os seus animais aumentou com o vírus, para além da insegurança, pergunto-me como será vivido o Ramadan este ano”*.

A crise do coronavírus combinado com a insegurança está a exacerbar a ameaça da estabilidade do mercado e a atingir com toda a força uma situação alimentar já muito frágil...

Extracto de um comunicado de imprensa conjunto sobre o impacto da covid-19 na segurança alimentar em todo o Sahel.



## 2.3. IMPACTO NOS REFUGIADOS, NOS DESLOCADOS INTERNOS E NAS CRIANÇAS MIGRANTES

**A** África Subariana acolhe mais de um quarto da população mundial de refugiados, muitos dos quais, vivem actualmente em condições de sobrelotação, com acesso limitado ou nulo aos sistemas de saúde, água e saneamento. Os refugiados, os deslocados internos e as crianças migrantes contam-se entre os mais vulneráveis em todo o continente e exigem uma atenção especial. As crianças representam 59% dos refugiados Africanos e 50% dos seus deslocados internos<sup>30</sup>. Se não for feito um esforço concertado para atenuar o impacto da pandemia, esperamos ver um enorme aumento do sofrimento entre as crianças refugiadas, deslocadas e migrantes nas próximas semanas, tanto em resultado do impacto primário (aumento da mortalidade e da morbilidade) como secundário (ausência de aprendizagem, diminuição das oportunidades de subsistência, etc.) do Covid-19.

O ambiente de vida dos refugiados e dos deslocados internos proporciona condições propícias à rápida propagação do vírus. Os refugiados e deslocados vivem frequentemente em locais remotos nos campos, sobrelotados, com abastecimento de água inadequado, instalações sanitárias e serviços de saúde com poucos recursos, a par das vulnerabilidades criadas pelo mau estado nutricional. Em campos como o Dadaab no Quênia (que é o maior campo de refugiados, com mais de 500 000 refugiados) e a colónia Bidi-Bidi no Uganda (que acolhe mais de 230 000 refugiados), espalhada por uma vasta área, algumas medidas de resposta, como o auto-isolamento, seriam praticamente impossíveis durante um surto de coronavírus, com consequências potencialmente devastadoras para as crianças e as suas famílias.

As medidas gerais de saúde pública de higiene das mãos, higiene respiratória, distanciamento social, incluindo ordens de

### Níger: Sem esquecer os deslocados internos apesar da COVID-19

As intervenções humanitárias da Save the Children no Níger a favor dos refugiados que fogem da violência dos países vizinhos e das pessoas deslocadas internamente continuam, com novas medidas de segurança em vigor para impedir uma maior propagação da Covid19 no país. Em Abril de 2020, apesar dos desafios, a nossa equipa de distribuição chegou a uma pequena comunidade de deslocados internos numa zona remota da região de Tillabéri. A nossa equipa assistiu 48 famílias, a maioria das quais crianças. As crianças e as suas famílias receberam bens essenciais como tapetes, baldes e equipamentos de cozinha, bem como alimentos, como arroz, feijão e óleo.

A crise humanitária que se está a desenrolar no Níger é motivada por uma violência generalizada e pela escassez de alimentos e água. A subnutrição é uma questão crónica e muitas crianças não têm acesso à educação.

permanência em casa, auto isolamento e quarentena, podem não ser viáveis e adequadas para o acampamento ou para locais semelhantes. Estas medidas podem resultar em perda de rendimentos, acesso restrito a serviços essenciais (incluindo cuidados de saúde), acesso reduzido aos mercados e à terra, e um aumento dos preços dos produtos básicos que consequentemente ameaçam a subsistência das populações deslocadas e dos seus filhos.

Para muitos requerentes de asilo, migrantes e outras populações deslocadas, o seu estatuto legal e a falta de documentação têm consequências graves e negativas na sua capacidade de aceder aos cuidados de saúde e a outros serviços essenciais. Estão a surgir relatos de migrantes que não têm acesso a alimentos e estão a ser excluídos das medidas de protecção social.

Muitos migrantes já receiam entrar em contacto com as autoridades, mas é provável que esta situação seja exacerbada por histórias de aumento da detenção, deportação e regresso forçado. Se estas populações não procurarem, ou não puderem ter acesso a assistência quando suspeitarem ter o vírus, isso conduzirá a uma maior propagação da doença.

Esta situação é agravada pelo impacto da COVID-19 no sector informal onde trabalha a maioria das comunidades deslocadas e migrantes, o que terá um grande impacto na sua subsistência, bem como pelo risco acrescido de discriminação e xenofobia com que são confrontadas. Se o impacto da pandemia neste grupo não for mitigado, esperamos assistir nas próximas semanas a um enorme aumento do sofrimento entre as crianças refugiadas, deslocadas e migrantes, tanto em consequência do impacto do COVID-19 sobre a saúde, incluindo mas não se limitando ao aumento da mortalidade e da morbilidade, como ao impacto conexo. Os direitos dos refugiados, das pessoas deslocadas internamente e dos migrantes já estão em risco na sequência de algumas das medidas tomadas pelos governos para dar resposta ao surto de Covid-19.

### Todos estarão salvos ou ninguém estará: Atingir as crianças mais vulneráveis e as suas famílias nos campos de deslocados em Mogadíscio

Em Mogadíscio, a Save the Children formou mais de 200 profissionais de saúde comunitários para apoiar a sensibilização do público para a COVID-19. Os profissionais de saúde visitam os assentamentos de deslocados em Mogadíscio, encontrando-se com pessoas nos pontos de água, centros de saúde e outros locais públicos para os informar dos riscos da COVID-19 e sobre como se proteger a si próprios e às suas famílias.

Ahmed Mohamed Omer, representante da Save the Children nos Estados do Sul da Somália, declarou: “O mundo inteiro está a lutar para combater o vírus COVID-19, que tem afectado as crianças de muitas maneiras, e sabemos que o sistema de saúde do país é frágil e inadequado. Muitas famílias Somalis, sobretudo as que vivem no contexto das deslocamentos internas, não dispõem das informações adequadas. Muitas delas não dispõem de serviços básicos como água para manter o ambiente limpo e lavar bem as mãos.

“Para colmatar esta lacuna, a Save the Children está a realizar campanhas de sensibilização para sensibilizar as comunidades sobre a melhor forma de se protegerem e evitarem a propagação do vírus. E estamos também a trabalhar com as comunidades para criar instalações de lavagem das mãos em locais públicos.”





**A crise da COVID-19 não podia ter vindo em pior altura, uma vez que milhares de famílias ainda não recuperaram dos dois ciclones que atingiram o país em Março e Abril de 2019 e das inundações subsequentes.**

Um ano depois dos ciclones Idai e Kenneth, mais de 100.000 pessoas deslocadas continuam a viver em 76 locais temporários em seis províncias. Em Cabo Delgado, mais de 172.000 pessoas foram deslocadas por insegurança adicional e vivem em condições de sobrelotação nas comunidades de acolhimento. As fortes chuvas e inundações registadas desde Dezembro de 2019 agravaram a situação em múltiplas zonas, privando centenas de milhares de pessoas em Cabo Delgado dos serviços essenciais, danificando milhares de abrigos nos locais de reinstalação em zonas afectadas pelo ciclone Kenneth e causando a perda de colheitas, o que contribuiu para uma situação de segurança alimentar já de si frágil.

As pessoas que vivem em confinamento, acampamentos ou em locais semelhantes, os deslocados internos em locais de reinstalação ou nas comunidades de acolhimento, com acesso limitado aos serviços, correm todos um risco acrescido, pois o seu direito à informação, ao acesso aos cuidados de saúde, à higiene, aos serviços de protecção e aos meios de subsistência é limitado. Noventa e quatro

centros de saúde foram danificados durante os ciclones.

Muitas escolas foram danificadas pelos ciclones Idai e Kenneth e as crianças deixaram de frequentar a escola quando os seus livros e materiais foram destruídos. Algumas ainda não regressaram e ainda estão a recuperar deste choque. Além disso, desde 20 de Março, todas as escolas foram encerradas como parte das medidas de prevenção da COVID-19, afectando 5,5 milhões de crianças do ensino primário e secundário nas 6 províncias afectadas pelo ciclone Idai e Kenneth, limitando ainda mais as oportunidades de educação das crianças. A Save the Children tem ajudado com espaços temporários de aprendizagem e está a providenciar reabilitações escolares resistentes aos ciclones, distribuindo materiais de ensino, recreação e aprendizagem, bem como aulas de ensino à distância através de rádios comunitárias. No entanto, existem ainda necessidades significativas no sector da educação, muitas das quais são anteriores à data dos ciclones.



## Restrição da circulação, sem prejudicar direitos!

Em África, estima-se que haja um total de 18 milhões de pessoas deslocadas, sendo mais de 12,5 milhões as pessoas deslocadas internamente (PDI) que vivem nos seus próprios países. Muitos deles são obrigados a fugir das suas casas devido a conflitos e violência. As crianças vulneráveis que vivem em assentamentos informais, como os campos de refugiados e de deslocados em toda a África, não podem ser esquecidas, uma vez que o mundo impõe restrições numa batalha para conter o surto do coronavírus.

Os governos estão, com razão, a adoptar medidas rigorosas para proteger a saúde pública. Muitos países já fecharam as suas fronteiras e a circulação é restringida para conter a transmissão. À medida que isso acontece, os princípios fundamentais das leis relativas aos refugiados e aos direitos humanos são também postos em causa. Os requerentes de asilo têm o direito de procurar protecção internacional e não podem ser reenviados para um país de perseguição ou de perigo. Os casos de repulsão já foram comunicados. Embora se trate de uma resposta compreensível em termos de limitação da propagação da COVID-19, o encerramento das fronteiras também compromete o direito de procurar asilo e obriga os requerentes de asilo a efectuar viagens mais arriscadas para chegar ao país onde gostariam de pedir asilo. Em alguns contextos, o acesso a abrigos, campos e centros de acolhimento por parte de organizações humanitárias é também severamente limitado ou cessou.

O desafio consiste em encontrar um equilíbrio entre as obrigações do direito dos refugiados e dos direitos humanos e a protecção da saúde pública. Com intenções favoráveis e criatividade, um país pode assegurar tanto a saúde pública como o direito dos requerentes de asilo à protecção. Os Estados podem, por exemplo, impor medidas na fronteira, como o

### Direitos dos refugiados, das pessoas deslocadas internamente e dos migrantes em risco.

Na sequência de algumas das medidas tomadas pelos governos para responder ao surto de Covid-19. No Uganda, que acolhe a maior população de refugiados de África, com 1 411 098 refugiados e requerentes de asilo a partir de 29 de Fevereiro de 2020, o Governo já tomou a decisão de limitar todos os movimentos de refugiados e suspendeu qualquer nova chegada por um período de 30 dias.

rastreio sanitário, os testes, a quarentena e o auto-isolamento para gerir os riscos sanitários, respeitando ao mesmo tempo o princípio da não repulsão.

Os riscos de separação familiar podem aumentar, uma vez que os prestadores de cuidados ou os pais solteiros podem ser colocados em quarentena, ou os procedimentos de repatriamento em curso/corrente e de reagrupamento familiar são suspensos. As ONG podem ter dificuldades de acesso aos parques de campismo e centros de acolhimento para apoiar os serviços essenciais e básicos e assegurar a gestão dos casos, a visita dos assistentes sociais, o controlo da qualidade da protecção e outros serviços. Os migrantes e as crianças deslocadas privadas de liberdade, incluindo as que se encontram detidas ou em centros de imigração, enfrentam maiores vulnerabilidades devido à elevada concentração de pessoas em espaços confinados e ao acesso restrito à higiene e aos cuidados de saúde. As possibilidades de identificar crianças migrantes não acompanhadas e separadas devido a restrições ao trabalho de proximidade são restringidas, aumentando a sua vulnerabilidade e o risco de serem maltratadas.

“O governo deve proporcionar-nos formas alternativas de aprendizagem enquanto estamos em casa.”

MAYOWA, 11, NIGERIA





# OUTROS IMPACTOS COLATERAIS

## 3.1. O RISCO MACRO-ECONÓMICO

Tal como discutido anteriormente, todas as medidas tomadas para conter a transmissão da doença já têm algum impacto significativo nas economias Africanas, colocando as crianças em situação de alto risco. A Comissão Económica para África (ECA) alertou para o facto de a crise do coronavírus poder vir a afectar seriamente o crescimento já estagnado da África. A Secretária Executiva da ECA, Vera Songwe, afirmou que “África pode perder metade do seu PIB, com o crescimento a cair de 3,2% para cerca de 2% devido a uma série de razões que incluem a ruptura das cadeias de abastecimento mundiais”<sup>31</sup>.

Para aprofundar a análise do impacto macroeconómico da COVID-19, os pressupostos basear-se-ão em cenários apresentados pelo Grupo do Banco Mundial. As variáveis em consideração serão categorizadas em Factores Internacionais e Nacionais.

- **Factores Internacionais:** As matérias-primas como os minerais, o petróleo e os produtos agrícolas constituem uma grande

parte das exportações da África Subariana (SSA). Muitos dos países da África Subariana são exportadores líquidos, pelo que tenderão a perder em tempos de baixa procura e de queda dos preços das matérias-primas. Estima-se que a **Nigéria, por exemplo, perca cerca de 19 mil milhões de dólares devido a uma menor procura de petróleo e a uma queda dos preços**. O sector petrolífero Nigeriano já estava a crescer a uma taxa baixa de 2,8% antes da COVID-19. Além disso, os fluxos turísticos para os países da África Subariana constituem uma importante fonte de desenvolvimento económico. Mesmo com países como o Quênia que ainda mantêm perspectivas a médio prazo, a Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas (UNWTO) estima que a **perda global se situe entre 30 e 50 mil milhões** de dólares americanos, uma vez que os voos de saída para atracções turísticas são travados pelo coronavírus. Além disso, com muitos países da África Subariana a dependerem do **investimento directo estrangeiro (IDE)** para o seu **crescimento económico**, o advento da pandemia da COVID-19 reduzirá os investimentos à medida que aumenta a incerteza entre os investidores<sup>32</sup>.











Country	Projects	Jobs created	Capital US\$m
 USA	463	62 004	30 855
 France	329	57 970	34 172
 UK	286	40 949	17 768
 China	259	137 028	72 235
 South Africa	199	21 486	10 185
 UAE	189	39 479	25 278
 Germany	180	31 562	6 887
 Switzerland	143	13 363	6 432
 India	134	30 334	5 403
 Spain	119	13 837	4 389

TABLE 1 FOREIGN DIRECT INVESTMENT IN AFRICA ( BROOKINGS, 2019)

**Factores Nacionais:** O comércio, a utilização do capital, a produtividade do trabalho e o comércio regional foram todos afectados na sequência da aprovação de leis governamentais destinadas a reduzir o contacto humano e a alargar ainda mais a COVID-19. Dado que os casos de infecção variam, a capacidade de resposta dos países também varia. Os países afectados com baixas taxas de infecção, sistemas de saúde adequados e capital humano são capazes de gerir e ainda manter alguma produção local de fornecimentos essenciais para combater a propagação da COVID-19 e também manter a economia local a funcionar a níveis mínimos. O Gana, por exemplo, está a produzir EPI e máscaras a nível local para satisfazer a procura local<sup>33</sup>. [Os bancos regionais e centrais](#) tomaram igualmente medidas para assegurar a existência de um fluxo de liquidez suficiente para que não haja escassez de notas de banco<sup>34</sup>. A legislação fiscal nacional de alguns países foi igualmente flexibilizada, a fim de aliviar a carga que pesa sobre a actividade empresarial. [O Governo do Quênia reduziu o imposto sobre o valor acrescentado \(IVA\) de 16% para 14%, a fim de amortecer o aumento dos preços dos alimentos para as famílias, tendo igualmente aprovado a redução do imposto sobre o valor acrescentado \(Pay-as-you-earn\) de 30% para 25%, o que significa mais rendimentos para gastar em alimentos e cuidados de saúde, se e quando necessário.](#) Mas ignoram o efeito sobre os agregados familiares pobres, que podem ser obrigados a abandonar os seus meios de subsistência normais. No entanto, o medo, as restrições à mobilidade e a prevenção do local de trabalho irão minar as medidas que os governos estão a tomar para garantir a continuação da actividade económica. Assim, [a perda provável do PIB](#), tal como expressa por Vera Songwe.

## 3.2. O RISCO DE CAIR NUMA ARMADILHA DE POBREZA

A África é considerada a última fronteira a nível mundial na luta contra a pobreza extrema, sendo sete em cada dez (70%) das pessoas mais pobres do mundo que vivem em África. Um em cada três Africanos (34%) ou 439 milhões de pessoas - vive em situação de pobreza extrema. Menos de um quinto (17,8%) da população Africana total tem acesso a qualquer forma de protecção social, caindo para cerca de 16% das crianças e das mães com bebés.<sup>35</sup> As tendências recentes mostram que a África estava a fazer progressos (embora lentos) na redução da pobreza. Em 2019 - pela primeira vez desde que os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável foram acordados - havia mais Africanos a sair da pobreza extrema do que aqueles que caem ou nascem em situação de pobreza extrema. Utilizando esta trajectória promissora, [O Brookings Institute projectou](#) que a África assistiria a uma redução da proporção dos seus cidadãos que vivem em situação de pobreza extrema de 34% para 24% até 2030. Infelizmente, a COVID-19 ameaça inverter estes ganhos e aumentar pela primeira vez desde 1998.<sup>36</sup> A população das pessoas que se encontram abaixo do limiar de pobreza, agravando simultaneamente o bem-estar das pessoas que já vivem em situação de pobreza extrema. As estimativas do Banco Mundial sugerem que a COVID-19 irá empurrar 49 milhões de

pessoas para a pobreza extrema em 2020, contando-se a Nigéria e a República Democrática do Congo entre os países com maior variação no número de pobres<sup>37</sup>.

A União Africana previu que a economia do continente sofrerá uma contracção de 0,8% este ano, os Ministros das Finanças Africanos reuniram-se para discutir formas de os países poderem mitigar uma catástrofe económica iminente. Os investigadores da UA acreditam agora que o continente entrará em recessão este ano devido ao impacto que o coronavírus está actualmente a ter no comércio, nas remessas de fundos, no turismo e numa enorme queda dos preços mundiais do petróleo. O relatório da UA estima que os governos perderão cerca de 270 mil milhões de dólares devido à perda de comércio e afirma também que os governos precisarão de pelo menos 130 mil milhões de dólares de despesas públicas adicionais para combater o vírus<sup>38</sup>. O relatório classificou os efeitos nocivos da COVID-19 em África em dois tipos:

- Os **efeitos exógenos** provêm das ligações comerciais directas entre os continentes parceiros afectados, como a Ásia, a Europa e os Estados Unidos; do declínio das remessas da diáspora Africana; do investimento directo estrangeiro e da ajuda pública ao desenvolvimento; dos fluxos de financiamento ilícito e do endurecimento dos mercados financeiros nacionais, etc.
- Os **efeitos endógenos** ocorrem como resultado da rápida propagação do vírus em muitos países Africanos. Por outro lado, estão ligados à morbidade e à mortalidade. Por outro lado, conduzem a uma perturbação das actividades económicas. Esta situação pode provocar uma diminuição da procura interna e das receitas fiscais devido à perda dos preços do petróleo e dos produtos de base, associada a um aumento das despesas públicas destinadas a salvaguardar a saúde humana e a apoiar as actividades económicas.

[Estudos empíricos](#) demonstraram que as doenças, como a COVID-19, podem ser catalisadoras da espiral de pobreza, tanto a nível do agregado familiar como individual, especialmente para os pobres. Algumas das consequências directas das doenças que

### Investimento nas crianças durante a pandemia de Covid-19 na Tanzânia

A Save the Children como membro do Fórum da Política (uma coligação de 76 ONGs na **Tanzânia**) contribuiu para a declaração da posição pré-orçamento do Grupo de Trabalho do Orçamento (BWG) 2020/21 (como parte dos esforços para tornar o governo responsável pela gestão dos recursos públicos) sobre a adaptação às novas realidades, na sequência da COVID-19.

Intervenções específicas relacionadas com a COVID-19 que requerem financiamento no sector da Educação, Saúde e Protecção da Criança, quando propostas. A declaração de posição foi publicada em dois jornais (The Citizen e The Guardian) em 21 de Abril de 2020, tendo ambos mais de 25.000 leitores em todo o país. A declaração foi bem recebida e será seguida de um maior envolvimento com as autoridades nacionais.

criam uma espiral de pobreza incluem: despesas de tratamento, perda de rendimento, esgotamento dos meios de subsistência, venda de terras ou de gado) e mecanismo de resposta negativa (retirar as crianças da escola). A COVID-19 gerou também um choque económico maciço nos países Africanos. Os agregados familiares mais pobres são frequentemente os mais afectados durante as fases de recessão económica através de numerosas vias; preços mais elevados dos alimentos, menor poder de compra, maior risco de perda de empregos e falta de redes de segurança.

Mas, sobretudo, as medidas preventivas da COVID-19 não permitem que os pequenos agricultores, pastores e pescadores trabalhem as suas terras, cuidem do seu gado ou pesquem. [A experiência dos surtos de Ébola em África](#) mostra que a quarentena e as restrições aos movimentos perturbam as actividades de subsistência e provocam um aumento da fome e da subnutrição infantil. Isto apesar do facto de o sector informal nos países em desenvolvimento contribuir para cerca de 35% do PIB e empregar mais de 75% da população activa. A dimensão da informalidade representa quase 55% do produto interno bruto (PIB) acumulado da África Subsariana. Os estudos do Banco Africano de Desenvolvimento<sup>39</sup> mostrou que varia entre um mínimo de 20% a 25% na África do Sul e na Namíbia e um máximo de 50% a 65% na Tanzânia e na Nigéria<sup>40</sup>. Excluindo o sector agrícola, a informalidade representa entre 30% e 90% do emprego. Além disso, a economia informal em África continua a figurar entre as maiores do mundo e consiste numa espécie de amortecedor social nas grandes cidades Africanas. Em muitos

países Africanos, até 90% da mão-de-obra está no emprego informal<sup>41</sup>.

Alguns países Africanos expandiram os sistemas de protecção social existentes para amortecer os grupos vulneráveis contra a COVID-19 - por exemplo no [Ruanda](#) and [Madagáscar](#) - que poderiam sobreviver à pandemia. No entanto, apenas 17,8 da população está coberta por pelo menos uma prestação de protecção social em África e os níveis das prestações continuam baixos e, normalmente, não acompanham a inflação. A África continua a ser “o continente onde a maior parte da população não tem acesso a cuidados de saúde adequados e onde a incidência da mortalidade infantil é mais elevada. Estes são apenas alguns dos riscos e adversidades sociais com que a vida quotidiana se confronta, mas a África é também o continente onde a cobertura da segurança social é mais baixa<sup>42</sup>”. Estima-se que na África subsariana apenas cerca de 10% da população economicamente activa está coberta pelos regimes legais de segurança social, embora com a crescente informalização do trabalho a cobertura esteja a diminuir<sup>43</sup>. A pandemia da COVID-19 é um apelo claro aos governos Africanos para que invistam em esquemas de protecção social inclusivos que apoiem as crianças e as suas famílias, agora e no futuro, e assegurem que estas sejam concebidas para responder a futuros choques, sejam eles económicos ou climáticos. Os programas de construção que colocam as crianças no centro e cobrem os primeiros 1000 dias de vida - o período mais crítico para evitar danos a longo prazo causados pela subnutrição - reforçam os investimentos do Estado no capital humano.

**“O vírus propaga-se através de apertos de mão, espirros e tosse em público. O nosso povo não segue integralmente a directiva do Presidente sobre o distanciamento social”! As crianças devem manter a distância social em todo o lado e lavar as mãos com sabão de cada vez!”**

RONALD, 13, UGANDA



# CONCLUSÃO

**E**m 27 de Fevereiro de 2020, na sequência do primeiro caso da COVID-19 na África Subsariana, os peritos alertaram para o risco de esta se tornar uma catástrofe para toda a África, dada a fragilidade dos sistemas de saúde. Três meses mais tarde, é evidente que a África Subsariana não se tornou o epicentro da crise, uma vez que governos, cidadãos, trabalhadores e parceiros demonstraram todos a sua espantosa capacidade de adaptação e de encontrar soluções inovadoras, a par de uma louvável vontade política de responder a uma crise humanitária desta magnitude.

Além disso, se o número de infectados permanecer “limitado”, serão os impactos secundários e a longo prazo da crise que terão um impacto devastador sobre o futuro das crianças de hoje em África. Por conseguinte, quando todos os intervenientes em todo o continente estão a unir forças para pôr fim a esta catástrofe sanitária, torna-se fundamental concentrar também a nossa resposta na prevenção dos riscos a longo prazo para o bem-estar, a segurança e os direitos das crianças. Temos de agir hoje para proteger uma geração de crianças de choques de grande alcance.

Desde cedo, quase todos os países do continente introduziram encerramentos de escolas e universidades à escala nacional, afectando 262,5 milhões de alunos. Se os governos e todas as partes interessadas envolvidas no sector da educação foram criativos para desenvolver sistemas de aprendizagem alternativos na maioria dos países, os ministros da educação devem agir urgentemente não só para assegurar a continuidade da aprendizagem, mas também para garantir que sejam inclusivos para as crianças mais vulneráveis. Sabemos que são as crianças mais marginalizadas e vulneráveis que correm o risco de abandonar completamente a escola se as escolas continuarem fechadas durante um período prolongado.

O impacto do encerramento de escolas não só está a aumentar as violações dos direitos das crianças, como tem exacerbado as desigualdades existentes.

As crianças que estão fora da escola correm um maior risco de serem abusadas, exploradas ou recrutadas para grupos armados e, no caso das raparigas, forçadas a casar e a outras formas de violência baseada no género, sendo progressivamente improvável que alguma vez regressem à escola quando as aulas reiniciarem. Para muitas crianças, as escolas não só proporcionam um espaço seguro para aprender e brincar, como também dependem das refeições escolares para apoiar a sua alimentação diária.

Esta pandemia tem também um impacto catastrófico para crianças que vivem em campos de refugiados como Dabaab ou crianças de rua em grandes cidades como Dakar, Abidjan e Nairobi. Os governos devem responder e incluir algumas destas crianças mais vulneráveis no seu plano de resposta, para que não se tornem vítimas de mais violência ou trauma devido a esta crise.

No entanto, um dos maiores riscos para as crianças da África Subsariana continua a ser o risco de a COVID-19 se tornar uma crise de fome e de subsistência antes de uma crise de saúde pública. Com as restrições e o impacto na economia local, a África Subsariana corre o risco de duplicar o número de pessoas que enfrentam uma grave insegurança alimentar, em comparação com as projecções feitas em Dezembro de 2019. É da responsabilidade dos governos, com o apoio da comunidade internacional, tomar medidas rápidas e desenvolver um plano de resposta precoce, integrando as necessidades dos mais vulneráveis para garantir que estas não caiam mais na armadilha da pobreza!

Isto deve ser apoiado por algumas restrições de movimento mais adaptadas, permitindo aos mais vulneráveis continuar a ter acesso ao seu rendimento diário, mas também apoiando os produtores na produção da próxima campanha agrícola.

Com uma das populações mais jovens do mundo,<sup>44</sup> A África está muito exposta a muitos dos impactos colaterais da COVID-19. Embora os governos tenham vindo a reagir rapidamente desde o primeiro caso confirmado na África Subsariana, a parte mais difícil da viagem está agora a começar.

Esta crise oferece uma grande oportunidade para mostrar o empenho dos governos Africanos em relação à [Convenção das Nações Unidas](#) sobre os [Direitos da Criança](#) e à [Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar da Criança](#) e todos os outros instrumentos desenvolvidos para proteger as crianças Africanas. Para tal, os governos com o apoio da União Africana e da comunidade internacional terão de fazer o seu melhor para **#proteger uma geração** de crianças do impacto da COVID-19 em toda a África Subsariana por:

- **Preservação dos direitos da criança**, durante a pandemia da COVID-19, garantindo o acesso a serviços de saúde, educação e protecção de qualidade e outros direitos estabelecidos na CNUDC e na ACRWC;
- Assegurar que cada plano de resposta seja orientado pelo “**interesse superior da criança**” e pelos princípios “**não prejudicar**”, em conformidade com a [Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar da Criança](#)
- Reconhecendo e integrando nos seus planos **de resposta as necessidades específicas das pessoas mais vulneráveis, incluindo as raparigas** como elemento central das respostas continentais e nacionais;
- Responder às necessidades a longo prazo das crianças através do desenvolvimento e da implementação **de mecanismos e políticas de protecção social** para proteger as crianças e as famílias de quaisquer choques futuros.
- Assegurar que as crianças tenham oportunidades reais e seguras de fazer ouvir a sua voz e influenciar a tomada de decisões sobre a COVID-19.



# PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES

## Sistemas de Saúde



*A Save the Children apela aos governos nacionais e aos doadores internacionais para que aumentem o investimento no fortalecimento dos sistemas de saúde para permitir que os países respondam ao surto sem comprometer os serviços vitais de saúde em curso.*

### OS ESTADOS MEMBROS DEVEM

1. Fortalecer a capacidade das unidades sanitárias para gerir a eclosão das visitas dos pacientes e para identificar, isolar e gerir de forma eficaz as pessoas com infecção por COVID-19. As principais prioridades incluem:
  - a. Implementar uma rigorosa prevenção e controlo de infecções e assegurar a disponibilização de EPI e formação e compensação adequada a todos os profissionais de saúde
  - b. Avaliar, desenvolver e gerir a capacidade de internamento, incluindo a criação de abrigos temporários, quando for necessário
2. Desenvolver atempadamente quadros nacionais de comunicação de risco e de envolvimento comunitário, incluindo materiais amigáveis às crianças, de modo a permitir que todos os parceiros alinhem mensagens, dissipem rumores e desinformação e evitem o estigma.
3. Assegurar cuidados de saúde de rotina contínuos, incluindo, mas não limitados a campanha de vacinação e cuidados de saúde materno-infantil e de menores de 5 anos nos espaços seguros.
4. Investir pelo menos 15% dos seus orçamentos anuais no sector da saúde para alcançar a meta da União Africana de 2001 de construir centros de saúde para o reforço do sistema de saúde a longo prazo para responder a futuras pandemias, melhorar o sector da saúde e assegurar a Cobertura Universal da Saúde para todos em 2021.

### COMUNIDADE INTERNACIONAL

1. Existe uma necessidade urgente de apoiar um plano global coerente e coordenado, para apoiar os planos nacionais que visam mitigar e responder ao Covid-19, com novos recursos e apoio logístico para o acesso ao material necessário.
2. Estes planos devem ter como objectivo apoiar planos nacionais que envolvam e atraiam várias vozes das comunidades, incluindo crianças, e tenham como objectivo final a construção de sistemas de saúde fortes e resilientes que cuidem de membros vulneráveis da população.
3. A comunidade internacional deve dar prioridade ao apoio aos países mais pobres, aqueles em contextos frágeis, de deslocação e humanitários e aqueles com uma capacidade

limitada para responder, prevenir, mitigar e derrotar a COVID-19 é imperativo.

## Educação



*A Save the Children apela aos governos, em colaboração com os parceiros nacionais e internacionais, para que aumentem o financiamento para garantir urgentemente a adopção de soluções adequadas de ensino à distância, investindo em métodos apropriados de ensino à distância de baixa tecnologia, inclusivos, sensíveis ao género e acessíveis, reconhecendo que o encerramento de escolas irá atingir mais duramente as crianças mais marginalizadas, com apoio psicossocial e componentes de aprendizagem social emocional durante e após a crise da COVID-19.*

### ESTADOS MEMBROS

- Os governos devem desenvolver uma estratégia clara e sensível ao género para garantir a disponibilidade de opções inclusivas e a longo prazo de ensino à distância para todas as crianças.
  - a. Essas estratégias devem garantir a continuidade através de sistemas de baixo custo, como o programa de rádio, para integrar os mais vulneráveis que não têm acesso à TV e às plataformas digitais e também devem ser acessíveis em línguas acessíveis;
  - b. Também precisam identificar e responder às necessidades específicas da rapariga, que muito provavelmente não voltará à escola;
  - c. Também devem apoiar e equipar os professores com as competências necessárias para proporcionar um ensino à distância de qualidade.
- As actividades de aprendizagem social e emocional devem ser integradas nos currículos para a educação online e outras formas alternativas de educação à distância, sempre que possível para proteger o bem-estar das crianças e jovens e mitigar os impactos do trauma durante - e após - a crise.
- Os ministérios da educação, parceiros e doadores devem desenvolver o plano abrangente para a reabertura segura das escolas e exames perdidos devido à crise ou encontrar um método alternativo de certificação e progressão.

### COMUNIDADE INTERNACIONAL

- Advogar que os membros solicitem apoio dos sistemas de coordenação humanitária (referência ao Cluster da Educação com a UNICEF e SCI como co-líderes)
- Aumentar o financiamento e partilhar as melhores práticas comprovadas entre plataformas regionais e internacionais

## Assegurar a Protecção da Criança



*Save the Children insta os governos e comunidades internacionais para desenvolver um mecanismo claro para proteger as crianças e assegurar o cuidado apropriado para as crianças contra qualquer forma de violência e risco de discriminação.*

### OS ESTADOS MEMBROS DEVEM

1. Integrar no seu plano de resposta todas as crianças fora dos cuidados da família, incluindo crianças da rua, migrantes e deslocados, crianças em instituições ou em detenção, e crianças portadoras de deficiência são particularmente vulneráveis, incluindo as que sofrem discriminação dentro da comunidade.
2. A polícia deve ser orientada para assegurar que as crianças da rua não sejam presas por não se isolarem e, em vez disso, devem ser apoiadas conectando-as aos serviços de saúde, bem como aos serviços de proteção e bem-estar da criança, incluindo através de linhas de ajuda para crianças.
3. Reconhecer que as raparigas podem também enfrentar encargos desproporcionais e estar expostas a riscos mais elevados durante a crise, pelo que é necessária uma resposta específica para prevenir e enfrentar os abusos e a violência baseada no género. As transferências de dinheiro devem ser disponibilizadas para satisfazer as necessidades básicas e ajudar a prevenir estratégias negativas, tais como o aumento do trabalho infantil e do casamento infantil.
4. Recolher dados desagregados por sexo e idade para que comecemos a ver o impacto da Covid-19 em termos de género e assegurar que os governos respondam em conformidade e que os seus planos e orçamentos nacionais de resposta reflectam a esta realidade.
5. Reconhecer a Saúde Materna, Sexual e Reprodutiva, Violência Baseada no Género, Saúde Mental e Apoio Psicossocial, e todos os serviços de gestão de casos como essenciais e assegurar a continuidade, enviando ao mesmo tempo uma forte mensagem dissuasora da violência doméstica e da violência baseada no género.
6. Reconhecer a força de trabalho dos serviços sociais e os humanitários como trabalhadores essenciais, assegurando o acesso seguro a crianças vulneráveis que necessitam de apoio.

### COMUNIDADE INTERNACIONAL

- Necessidade de reforçar os mecanismos de prestação de contas e amplificar as vozes das crianças

## Segurança alimentar e malnutrição



*A Save the Children exorta os governos a agir agora, a fim de antecipar, prevenir e responder, na melhor das hipóteses, à insegurança alimentar em todo o continente.*

### OS ESTADOS MEMBROS

1. Com o apoio da União Africana, os governos devem implementar urgentemente medidas para apoiar as famílias mais pobres que têm maiores dificuldades no acesso aos alimentos e assegurar que o acesso das crianças a alimentos nutritivos seja mantido.
  - a. Isto poderia incluir, mas não se limitando à distribuição de alimentos às famílias mais vulneráveis, isenção de impostos sobre alimentos básicos para famílias com

crianças em idade escolar, especialmente para os trabalhadores dos sectores económicos mais afectados;

- b. Foco nas necessidades alimentares e nutricionais dos mais vulneráveis, especialmente das crianças, o que se torna ainda mais crítico tendo em conta que as crianças mais vulneráveis dependiam de programas de alimentação escolar.

2. Aumentar a escala dos Programas de Protecção Social para incluir um pagamento único (antes do impacto total da crise como uma acção antecipada) ou assegurar pagamentos múltiplos para ajudar as famílias a satisfazer as suas necessidades básicas
3. Prever direitos complementares para compensar a perda de rendimento dos pequenos produtores
4. Manter vivas e funcionais as suas cadeias de valor de fornecimento de alimentos domésticos, tomando todas as precauções necessárias para garantir que as sementes e os materiais de plantio continuem a fluir para os pequenos agricultores e a ração animal para os criadores de gado
5. Todos os Governos, incluindo os principais países exportadores de alimentos, devem assegurar o livre fluxo de produtos alimentares e abster-se de impor proibições de exportação e outras medidas de distorção do comércio de exportação que podem dificultar a disponibilidade de importações de alimentos nos países vulneráveis importadores de alimentos, e também permitir que os alimentos cheguem aos centros urbanos das regiões produtoras, a fim de evitar a escassez de alimentos e o pânico na compra.

### COMUNIDADE INTERNACIONAL

1. A comunidade internacional deve permanecer vigilante e pronta para tomar medidas decisivas caso os países em desenvolvimento dependentes da importação de alimentos sejam vítimas de choques graves nos mercados alimentares internacionais.
2. Os países em desenvolvimento importadores líquidos de alimentos podem ser elegíveis para recorrer aos recursos das instituições financeiras internacionais ao abrigo das facilidades existentes, ou às facilidades que possam ser estabelecidas, no contexto de programas de ajustamento, a fim de fazer face a essas dificuldades de financiamento.
3. Adotar intervenções e abordagens multi-sectoriais e multi-intervenientes que permitam a eficiência e eficácia, minimizando ao mesmo tempo a duplicação de esforços e o desperdício de recursos

## Populações Deslocadas Internamente, Refugiados e Crianças em Movimento



*A Save the Children apela aos governos nacionais e aos doadores internacionais para que garantam que as restrições para limitar a propagação do vírus não prejudicará os direitos dos refugiados, deslocados e migrantes.*

### OS ESTADOS MEMBROS

1. Deve assegurar que as populações mais vulneráveis, bem como as comunidades de acolhimento, sejam incluídas nos planos de prontidão e resposta à crise de saúde de Covid-19.
  - a. Isto deve incluir uma continuação dos serviços básicos, incluindo educação, saúde, abrigo e alimentação. Devem ser previstas medidas preventivas específicas, como água, instalações de WASH (água, saneamento e higiene) e

- equipamento de protecção para aqueles que vivem num ambiente superlotado.
- b. Também deve incluir que os sistemas de testes incluam crianças refugiadas, deslocadas internamente e migrantes
2. Os governos devem assegurar que informações precisas e actualizadas sobre o vírus, acesso aos serviços, interrupções de serviços e outros aspectos da resposta a pandemia estejam prontamente disponíveis e acessíveis a todos os refugiados, deslocados, populações
    - c. As mensagens sobre a epidemia da COVID-19 devem ser traduzidas para as línguas faladas pelos refugiados, internamente deslocados e migrantes. As mensagens também devem assegurar o uso de diferentes formas de comunicação para garantir a acessibilidade a todos.
  3. Assegurar que todas as crianças, independentemente da documentação, estatuto, sexo, deficiência, etnia, religião ou língua, possam receber testes e tratamento salva-vidas de forma atempada. Devem ser tomadas medidas para garantir que não seja negado tratamento a ninguém por falta de meios.
  4. As restrições de viagem não devem ser usadas para negar o direito a asilo. Se forem identificados riscos de saúde, devem ser tomadas medidas de rastreio, juntamente com testes, quarentena e outras medidas.
  5. Não deve haver repatriamentos forçados com base em receios reais ou percebidos de transmissão de Covid-19. Quaisquer restrições à liberdade de circulação, ou outras medidas instituídas pelos governos, devem ser aplicadas às pessoas deslocadas de forma não discriminatória.
  6. Deve ser estabelecida uma moratória ao repatriamento, dadas as circunstâncias actuais e a esperada falta de apoio aos regressados e os repatriamentos não devem ter lugar sem uma avaliação do pedido de asilo e deve incluir a protecção de cada indivíduo da COVID-19 como parte do procedimento.

#### COMUNIDADE INTERNACIONAL

1. As organizações financeiras e os bancos multilaterais de desenvolvimento devem avaliar o impacto das perturbações da crise em curso nas comunidades migrantes e de acolhimento em termos do seu bem-estar e desenvolvimento financeiro e socioeconómico.

## Restringir os Movimentos, sem prejudicar os Direitos



*A Save the Children apela aos governos nacionais e doadores internacionais para que garantam às crianças e suas famílias direitos básicos, incluindo, mas não limitados ao Direito à Vida, à Educação, à Informação sobre Serviços de Saúde, a serem ouvidos, à Alimentação, à Água Potável, ao Abrigo, à Protecção contra Danos, ao Direito de Brincar, para todas as crianças sem discriminação.*

#### OS ESTADOS MEMBROS

1. Aderir ao direito internacional dos direitos humanos que permite, numa emergência que ameça a vida da nação, que certos direitos possam ser revogados. Tais medidas só devem ser tomadas na medida estritamente exigida pelas exigências da situação; não devem ser inconsistentes com outras obrigações do direito internacional; devem ser limitadas no tempo; e não devem ser discriminatórias. Devem também ter em conta que não seja permitido qualquer revogação de certos direitos, incluindo o direito à vida.

2. Tomar todas as medidas para enfrentar a divisão digital, aumentando a acessibilidade do acesso à Internet, especialmente em lugares com lockdown, onde a educação, o trabalho e a informação pública sobre a COVID-19 passou para online.
3. Fornecer ao público informações oportunas, precisas e acessíveis sobre a propagação da pandemia, protecção e acesso às opções de tratamento.
4. Promover e apoiar a participação segura e significativa das crianças em todas as decisões sobre as suas vidas, com um enfoque particular nas crianças e raparigas marginalizadas.
5. Opor-se activamente à acusação de jornalistas, denunciantes e outros que tenham levantado preocupações factuais legítimas sobre a COVID-19

## Impactos Macro-económicos



#### ESTADOS MEMBROS

1. Identificar parcerias estratégicas para o fornecimento de assistência técnica e produtos essenciais para facilitar uma abordagem integral do governo contra COVID-19, consistente com a orientação do CDC (Centros de Controlo e Prevenção de Doenças) de África.
2. Trabalhar com a mídia, os principais líderes de opinião e outros Estados membros para fornecer orientação clara, compreensível, baseada em evidências, culturalmente apropriada e adaptada a populações e circunstâncias especiais. As actividades de alta prioridade incluem:
  - a. Engajamento contínuo com as mídias tradicionais e sociais,
  - b. Monitoramento de rumores e rápida contra-programação para dissipar informações falsas,
  - c. Treinamento de funcionários públicos em todos os sectores em métodos comprovados de comunicação de risco

#### UNIÃO AFRICANA

1. Colaborar com os Estados membros para assegurar o compromisso político de alto nível e a liderança em todos os sectores envolvidos na resposta à COVID-19, particularmente o de Paz e Segurança, Comércio e Indústria, Assuntos Económicos e Economia Rural e Agricultura.

#### COMUNIDADE INTERNACIONAL

1. Assegurar complementaridade e sinergia de orientação, advocacia e apoio dos estados membros com a Organização Mundial da Saúde, outros parceiros multilaterais, bem como actores estratégicos estatais e não estatais.
2. Mobilizar financiamento, incluindo através do alívio da dívida para desbloquear fundos nos orçamentos dos países em desenvolvimento e da protecção e aumento da ajuda, para satisfazer as necessidades das crianças e suas famílias, incluindo em relação à educação para a saúde das crianças e outros serviços básicos.





# NOTAS DE FIM

- 1 O ACNUR estima que, até à data, 167 países fecharam total ou parcialmente as suas fronteiras para conter a propagação do vírus. Pelo menos 57 Estados não estão a abrir excepções para as pessoas que procuram asilo, limitando seriamente os direitos das pessoas que necessitam de protecção internacional.
- 2 <https://endingchildpoverty.org/en/news/world-news-on-poverty/554-common-questions-and-answers-about-the-impact-of-covid-19-on-children>
- 3 Impacto da COVID 19 na economia africana, Comissão da União Africana, 35p. Abril de 2020.
- 4 Dr. Hans Henri P. Kluge, Director Regional da OMS para a Europa, Declaração – *As pessoas idosas correm o maior risco da COVID-19, mas todas devem agir para evitar a propagação da comunidade*, Copenhaga, 2 de Abril de 2020, disponível em <http://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/statements/statement-older-people-are-at-highest-risk-from-covid-19-but-all-must-act-to-prevent-community-spread>
- 5 Estratégia continental africana conjunta para a pandemia de COVID 19, União Africana, 12 p, Março de 2020, [https://au.int/sites/default/files/documents/38264-doc-africa\\_joint\\_continental\\_strategy\\_for\\_covid-19\\_outbreak.pdf](https://au.int/sites/default/files/documents/38264-doc-africa_joint_continental_strategy_for_covid-19_outbreak.pdf)
- 6 Gana, África do Sul ....
- 7 Em 28 de Abril, registou-se um total de 753 mortes em 32 países, o que dá uma taxa global de 4,6% de casos mortais na região.
- 8 <https://www.ghsindex.org/>
- 9 “Uma avaliação recente do Ministério da Saúde mostra que, desde o surto de COVID-19 na Etiópia até Maio de 2020, a percentagem de pessoas que procuram serviços de saúde nas instalações de saúde diminuiu 68% em Afar e 72% nas regiões somalianas da Etiópia”. Fonte: Ministra Estadual, Ministério Federal da Saúde
- 10 *Equidade de género nos Trabalhadores de Saúde* (WHO, 2019)
- 11 Elston, J.W.T., Moosa, A. J., Moses, F., Walker, G., Dotta, N., Waldman, R. J., & Wright, J. (2016). Impacto do surto de Ébola nos sistemas de saúde e na saúde da população na Serra Leoa. *Revista de Saúde Pública* (Reino Unido), 38(4), 673-678. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdv158>
- 12 Kuriansky, J. (2016). Os aspectos psicológicos de uma epidemia mortal. ISBN 978-1- 4408-4231-3. p. 57.
- 13 Elston, J.W.T., Moosa, A. J., Moses, F., Walker, G., Dotta, N., Waldman, R. J., & Wright, J. (2016). Impacto do surto de Ébola nos sistemas de saúde e na saúde da população na Serra Leoa. *Revista de Saúde Pública* (Reino Unido), 38(4), 673-678. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdv158>
- 14 Streifel, C. (2015). *Qual foi o impacto do Ébola na saúde materna e infantil na Libéria e na Serra Leoa? Um relatório do CSIS Centro de Política em Saúde Global* (Issue October). [https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy\\_files/files/publication/151019\\_Streifef\\_EbolaLiberiaSierraLeone\\_Web.pdf](https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy_files/files/publication/151019_Streifef_EbolaLiberiaSierraLeone_Web.pdf)
- 15 Elston, J.W.T., Cartwright, C., Ndumbi, P., & Wright, J. (2017). O impacto na saúde do surto de Ébola de 2014-15. *A saúde pública*, 143, 60-70.
- 16 Parpia, A. S., Ndeffo-Mbah, M. L., Wenzel, N. S., & Galvani, A. P. (2016). Efeitos da resposta ao surto de Ébola em 2014-2015 nas mortes por malária, HIV/SIDA e tuberculose, África Ocidental. *Doenças infecciosas emergentes*, 22(3), 433.
- 17 <https://en.unesco.org/news/startling-digital-divides-distance-learning-emerge#ShareEducation>
- 18 *Monitoria Global das Refeições Escolares Durante o Encerramento das Escolas no âmbito da COVID-19*. <https://cdn.wfp.org/2020/school-feeding-map/?ga=2.224556888.359585056.1587313348-366453354.1585594078>
- 19 <https://www.aljazeera.com/news/2020/04/school-forced-fight-children-pay-price-sahel-war-200415140942329.html>
- 20 [https://www.lemonde.fr/afrique/article/2020/04/20/a-l-heure-de-la-pandemie-600-millions-de-jeunes-africains-en-quete-d-ecole\\_6037207\\_3212.html](https://www.lemonde.fr/afrique/article/2020/04/20/a-l-heure-de-la-pandemie-600-millions-de-jeunes-africains-en-quete-d-ecole_6037207_3212.html)
- 21 [https://www.povertyactionlab.org/sites/default/files/publications/The-Economic-Lives-of-Young-Women\\_ELA\\_SL\\_Bandiera-et-al\\_Dec2018.pdf](https://www.povertyactionlab.org/sites/default/files/publications/The-Economic-Lives-of-Young-Women_ELA_SL_Bandiera-et-al_Dec2018.pdf)
- 22 Nota Técnica: Protecção das Crianças durante a Pandemia do Coronavírus - Aliança para a CP em Acção Humanitária, 8 páginas, 2020
- 23 Protecção das Crianças durante a Pandemia do Coronavírus - Aliança para a CP em Acção Humanitária
- 24 <https://unctad.org/en/pages/newsdetails.aspx?OriginalVersionID=2331>
- 25 Utilizando os dados mais recentes sobre a dependência da importação de alimentos, UNCTAD
- 26 FAO (2016). O Estado de Alimentação e Agricultura: Mudanças climáticas, agricultura e segurança alimentar, op. cit
- 27 IASC Orientações provisórias sobre o Alerta 2020 Sobre o Género no Âmbito da Covid-19
- 28 UNFPA. *10 Coisas que deve saber sobre as mulheres e as crises humanitárias do mundo* (2016). Link
- 29 *Cadre Harmonisé analysis*, March 2020
- 30 13.5 milhões de crianças actualmente desenraizadas em África - incluindo as deslocadas pelos conflitos, pela pobreza e pelas mudanças climáticas: Fevereiro de 201 <https://www.unicef.org/press-releases/135-million-children-now-uprooted-africa-including-those-displaced-conflict-poverty>
- 31 <https://www.uneca.org/stories/eca-estimates-billions-worth-losses-africa-due-covid-19-impact>
- 32 Restrições de viagem, desafios do comércio internacional, sistemas de saúde mais frágeis, etc.
- 33 Uma actividade económica nascida da necessidade e que poderá eventualmente crescer após a COVID-19
- 34 Nos pontos ATM, mas com baixos níveis percentuais de actividade bancária dentro de SSA, muitas famílias, pequenas empresas, deslocados internos, refugiados, continuam de fora.
- 35 ILO (2017) Relatório sobre a Protecção Social Mundial 2017-19: Protecção Social Universal para Atingir os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável. Genebra: OIT. Acesso a partir de: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_604882.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_604882.pdf)
- 36 [https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-coronavirus-global-poverty-why-sub-saharan-africa-might-be-region-hardest?cid=dec\\_tt\\_data\\_en\\_ext?cid=SHR\\_BlogSiteShare\\_EN\\_EXT](https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-coronavirus-global-poverty-why-sub-saharan-africa-might-be-region-hardest?cid=dec_tt_data_en_ext?cid=SHR_BlogSiteShare_EN_EXT)
- 37 [https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-coronavirus-global-poverty-why-sub-saharan-africa-might-be-region-hardest?cid=dec\\_tt\\_data\\_en\\_ext?cid=SHR\\_BlogSiteShare\\_EN\\_EXT](https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-coronavirus-global-poverty-why-sub-saharan-africa-might-be-region-hardest?cid=dec_tt_data_en_ext?cid=SHR_BlogSiteShare_EN_EXT)
- 38 [https://au.int/sites/default/files/documents/38326-doc-covid-19\\_impact\\_on\\_african\\_economy.pdf](https://au.int/sites/default/files/documents/38326-doc-covid-19_impact_on_african_economy.pdf)
- 39 AfDB (2014), *Perspectivas Económicas Africanas* (2014), Abidjan, Costa do Marfim
- 40 AfDB (2018), *Perspectivas Económicas Africanas* (2014), Abidjan, Costa do Marfim
- 41 AUC/OECD (2019), *A Dinâmica de Desenvolvimento de África 2019: Atingir a Transformação Produtiva*, Publicação OECD, Paris/AUC, Adis-Ababa <https://au.int/en/afdd2019>
- 42 <https://www.ilo.org/africa/areas-of-work/social-protection/lang--en/index.htm>
- 43 <https://www.ilo.org/africa/areas-of-work/social-protection/lang--en/index.htm>: “apenas 10 % da população economicamente activa está coberta pelos regimes legais de segurança social, sendo a maior parte destes regimes de pensões de velhice e, nalguns casos, também permitindo o acesso a cuidados de saúde. No entanto, com a crescente informalização, a cobertura está a diminuir”
- 44 41% têm menos de 15 anos, com uma idade média do continente de 20 anos





# COVID-19 ATRAVÉS DOS NOSSOS OLHOS







# AS VOZES DAS CRIANÇAS

NO MEIO DA COVID-19

“Estou à procura de regressar aos meus estudos. Tanto as raparigas como os rapazes estão a fazer actividades em casa, por exemplo, os rapazes estão a cuidar das vacas e dos cabritos. As raparigas estão a cozinhar em casa, a ajudar as mães. Estou a sentir-me tão emocionada com esta doença...”

NYAKOL HOTH, 14, SUDÃO DO SUL



“Não me sinto bem com o vírus. O surto levou ao encerramento das actividades no campo há já algum tempo. Já não brincamos no acampamento. Estou preocupada porque não posso me encontrar com as outras crianças no Espaço Amigável.

Agora não posso sair de casa, estou sempre a fazer trabalho doméstico para a minha mãe e fico sempre dentro de casa. Dizem que quem brincar com outras crianças de outra tenda será afectado pelo coronavírus.’”

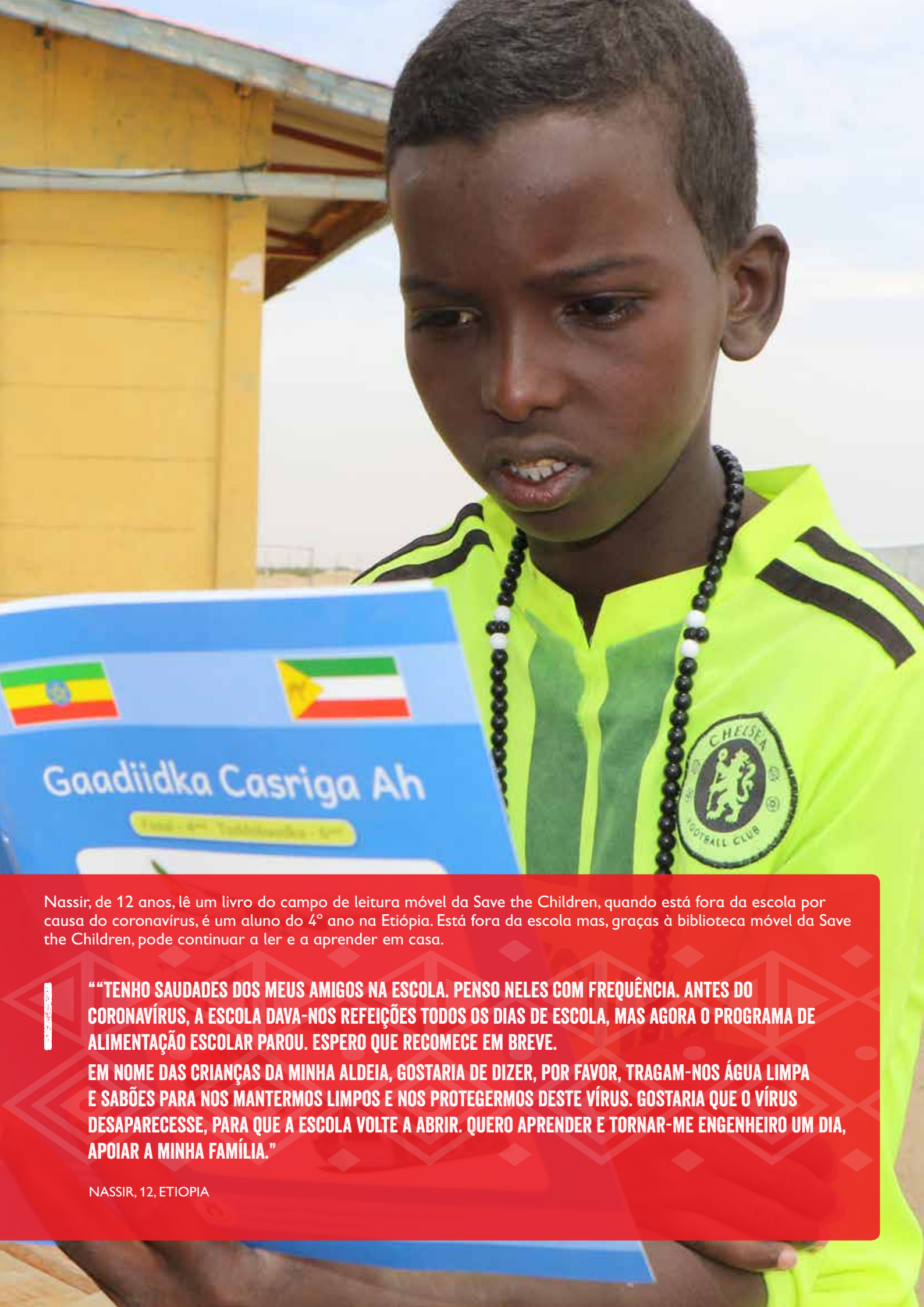
HAUWA HUSAINI, FEMININO, 12 ANOS PESSOA INTERNAMENTE DESLOCADA DO ESTADO DE BORNO

“Sabemos que temos de lavar as mãos, mas aqui a água é muito escassa. Por conseguinte, é muito difícil para nós obter água e sabão suficientes para lavarmos as mãos e nos protegermos do vírus.”

NASSIR, 12, REGIÃO DA SOMÁLIA NA ETIÓPIA







Nassir, de 12 anos, lê um livro do campo de leitura móvel da Save the Children, quando está fora da escola por causa do coronavírus, é um aluno do 4º ano na Etiópia. Está fora da escola mas, graças à biblioteca móvel da Save the Children, pode continuar a ler e a aprender em casa.

**“TENHO SAUDADES DOS MEUS AMIGOS NA ESCOLA. PENSO NELES COM FREQUÊNCIA. ANTES DO CORONAVÍRUS, A ESCOLA DAVA-NOS REFEIÇÕES TODOS OS DIAS DE ESCOLA, MAS AGORA O PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR PAROU. ESPERO QUE RECOMECE EM BREVE.**

**EM NOME DAS CRIANÇAS DA MINHA ALDEIA, GOSTARIA DE DIZER, POR FAVOR, TRAGAM-NOS ÁGUA LIMPA E SABÕES PARA NOS MANTERMOS LIMPOS E NOS PROTEGERMOS DESTE VÍRUS. GOSTARIA QUE O VÍRUS DESAPARECESSE, PARA QUE A ESCOLA VOLTE A ABRIR. QUERO APRENDER E TORNAR-ME ENGENHEIRO UM DIA, APOIAR A MINHA FAMÍLIA.”**

NASSIR, 12, ETIÓPIA



Save the Children®

# O NOSSO COMPROMISSO PARA COM AS CRIANÇAS

**A NOSSA VISÃO** é um mundo em que cada criança alcança o direito à sobrevivência, protecção, desenvolvimento e participação.

**A NOSSA MISSÃO** é inspirar descobertas na forma como o mundo trata as crianças e conseguir uma mudança imediata e duradoura nas suas vidas.

**OS NOSSOS VALORES** guiam o nosso comportamento e são os princípios pelos quais tomamos as nossas decisões. Prestação de Contas, Colaboração, Integridade, Ambição e Criatividade.

## A NOSSA AMBIÇÃO PARA 2030



### SOBREVIVÊNCIA

Nenhuma criança morra de causas evitáveis antes do seu quinto aniversário.



### EDUCAÇÃO

Todas as crianças aprendem com uma educação básica e de qualidade.



### PROTECÇÃO

A violência contra crianças já não é tolerada.

A Save the Children acredita que cada criança merece um futuro. Em África e em todo o mundo, damos às crianças um início de vida saudável, a oportunidade de aprenderem e de se protegerem do mal. Fazemos o que for preciso para as crianças - todos os dias e em tempos de crise - transformando as suas vidas e o futuro que partilhamos.

Save the Children International,  
Escritório Regional da África Oriental e Austral,  
P.O. Box 19423-00202  
Nairobi, Kenya  
Cellphone: +254 711 090 000  
ea.info@savethechildren.org  
www.savethechildren.net



Save the Children East & Southern Africa Region



SaveTheChildren E&SA @ESASavechildren



<https://www.youtube.com/channel/UCYafj7mw4EutPvYSkpnaruQ>

Save the Children International,  
Escritório Regional da África Ocidental e Central  
Immeuble Save the Children Lote No.02 - Zone 15,  
Almadies Extensão Rota de Ngor, Dakar, Senegal  
Office Tel: +221 33 865 44 00  
SciDakar@savethechildren.org  
www.savethechildren.net



Save the Children WCA



@ChildrenInWCA



@ChildrenInWCA